

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

VINICIUS SILVA LOPES

Inconsciente Semiótico? Diálogos entre psicanálise, linguística e semiótica

São Paulo
2021

VINICIUS SILVA LOPES
silva.vlopes@gmail.com

Inconsciente Semiótico? Diálogos entre psicanálise, linguística e semiótica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral
Orientador: Prof. Dr. Waldir Beividas

São Paulo
2021

Aos meus pais e meu marido.

AGRADECIMENTOS

Tenho algumas memórias do meu processo de alfabetização. Não lembro o nome nem o rosto de quem me ensinou a ler e escrever. Mas tenho a imagem em mim de conhecer as letras, combinar em sílabas, palavras e frases. Agradeço a oportunidade de ler e escrever sabendo que ainda hoje isso é um privilégio de cor e classe.

Agradeço a todos os professores que tive durante minha vida escolar e universitária, em nome de todos - pois não caberia reproduzir agora e tampouco eu saberia - agradeço à *Berenice Carpigiani*, professora e amiga que a faculdade de psicologia me presenteou. Ela me ensinou a pesquisa e com ela escrevemos um livro, fruto de um longo projeto de pesquisa.

Agradeço aos colegas do Fórum do Campo Lacaniano, onde faço formação contínua em psicanálise e hoje sou membro. Em especial àqueles que estiveram perto para dividir angústias, conquistas e que se disponibilizaram a ler e me fazer pensar: *Ana Laura Prates, Drielly Lopes, Carol Mortagua, Vinicius Costa, Tatiana Assadi, Beatriz Chneiderman, Mariana de Castro, Mario de Almeida e Luciana Guarreschi*.

Agradeço aos amigos estranhos, com quem pude dividir minha loucura em devaneios psicanalíticos: *Ana Paula Gianesi, André Farias, Beatriz Franco e Conrado Ramos*.

Às minhas amadas amigas que divido o consultório e que sempre fazemos ponte um para o outro: *Carol Freitas, Helena Guso, Marjorie Khouri*. À *Flávia Carvalho*, marida especial que fora desconstruindo o medo que eu tinha do processo. À *Marina Carrilho*, que vivendo um processo igual ao meu trocou horas e horas de telefone comigo, sempre trocando carinho, conselhos e boas risadas. À *Roberta Arlotta*, que sempre dizia que era possível e que eu conseguiria e me deu o prazer de sua leitura e comentários. À *Renata Conde* que me inspira com sua paixão pelas palavras tão próxima a minha e que sempre me relembra da literatura e da poesia.

À *Família GESUSP*, apelido carinhoso do grupo de amigos que fiz durante meu mestrado e que, como eu, batalham diariamente para fazer ciência neste país. Em especial à *Clarissa Monteiro e Leonardo Reitano*, que sempre estiveram pertinho, comemorando e dividindo e que incansavelmente estenderam a mão para me ajudar. À *Tata de Oliveira* que além de me alegrar diariamente, ainda fez ótimas considerações ao meu texto. Ao *Rafael Alberto*, com quem divido fofocas e, nas horas vagas, ele me ensina muito de semiótica. À *Adriana*, que

dividiu algumas leituras de Lacan comigo. Ao *Thiago* que doou seu tempo para ler e comentar minha análise, com a qual pude ampliar minha visão sobre o texto. Ao *Matheus Mafra*, que nos momentos mais inesperados me trouxe palavras de incentivo que me faziam caminhar. A *Natália Guirado*, *Leticia Moraes* e *Milton Guiger* que, em momentos delicados de nossa formação, me ensinaram algo que está para além dos livros: não se calar diante do racismo. Também agradeço a eles pelos doces comentários e acolhidas que me deram nesse processo. À *Ana Carolina Noronha*, uma grande amiga que a universidade me deu, com quem troquei almoços, pensamentos, intimidades e muito amor. Agradeço-lhe também a disponibilidade de revisar meu trabalho. À *Carol Lindenber Lemos* por inúmeras mensagens de WhatsApp discutindo linguística, semiótica e psicanálise, contando dos nossos exemplos pessoais e aprendendo com um sorriso no rosto. Aos meus primos postigos: *Joyce Lopes*, que me acolheu mesmo antes de eu ser mestrando, me ensinou semiótica com muita doçura e dividiu momentos tristes e felizes comigo; *Gustavo Táriba*, com quem passei mais tempo junto nesses três anos, me aturando com o sotaque recifense e sustentando que eu me aventurasse ainda mais nessa caminhada.

Aos professores do GESUSP que gentilmente acolheram, ensinaram e fizeram estes anos de mestrado serem tão especiais: *Ivã Carlos Lopes*, *Elisabeth Harkot de La Taile*, e em especial àquele que me orientou: *Waldir Beividas*.

À CAPES por fomentar a pesquisa deste mestrado e de tanto outros em nosso país.

Ao *Luís Guilherme Mola*, por sua escuta às minhas invenções com palavras, uma dessas que deu origem a este trabalho.

À minha família que vibra com cada conquista minha desde pequeno e divide alegrias comigo.

Ao meu irmão, *Breno Lopes*, que me ensina a ter perseverança nos destinos traçados e que se algo não der, ao menos temos um ao outro.

Aos meus pais, *Ana Lúcia* e *Rubens Lopes*, que desde muito pequeno investiram em uma educação para mim e sempre regaram com amor meus caminhos e minhas conquistas.

Ao meu marido, *Bruno Aranha*, com quem divido todos os meus dias e que proporcionou que essa caminhada fosse mais leve.

Minha pátria é minha língua
Caetano Veloso

*É a passagem de uma palavra por dentro de outra palavra,
nela deixando seu perfume. Sua lembrança. Sua saudade.*
Paulo Leminski

RESUMO

A virada do século XIX para o XX trouxe para o campo das ciências um novo paradigma. Ferdinand de Saussure e Sigmund Freud apostam, cada um a seu modo, no signo como mediador entre o homem e o mundo. Suas teorias avançaram ao longo do século passado, trazendo, a partir de Saussure, o surgimento da Semiótica Francesa, com A. J. Greimas e, com Jacques Lacan, a psicanálise freudiana encontra a linguística de Saussure. A tese do *inconsciente estruturado como uma linguagem* do psicanalista francês é calcada na noção de signo trazida pelo linguista genebrino. A leitura do signo saussuriano serviu a Lacan para seu retorno à Freud e seu entendimento do conceito de inconsciente, mas a Semiótica nos mostra que os caminhos que os linguistas percorrem com o signo são diferentes dos que o psicanalista fez. O objetivo dessa pesquisa é buscar uma retomada de diálogo entre as teorias, trazendo à tona suas diferenças, principalmente no que tange ao entendimento do que é e como se trabalha o signo. Para a discussão teórica, além dos autores já citados, contamos com Fiorin (2003; 2013; 2016) e Barros (1999) para pensarmos a Semiótica e com Quinet (2012), e Garcia-Roza (2008; 2009) para discutir a psicanálise. Uma vinheta clínica de uma sessão de psicanálise lacaniana foi analisada tanto sob a perspectiva da Semiótica de Greimas quanto sob o ponto de vista da psicanálise. Um mesmo objeto sob leituras das duas teorias mostrou como cada uma constrói sua forma de análise a partir de seu referencial teórico e suas aproximações e distanciamentos. Das semelhanças e oposições entre as análises depreende-se que uma interface entre ambas as teorias não é tangível enquanto a noção de linguagem, sujeito e significante for demasiadamente diferente entre elas.

Palavras-chave: Semiótica, Psicanálise, Inconsciente, Linguística, Significante

ABSTRACT

The turn of the 19th to the 20th century brought a new paradigm to the field of sciences. Ferdinand de Saussure and Sigmund Freud believe, each one in his own way, in the sign as a mediator between men and the world. Their theories advanced over the past century. Based on Saussure, French Semiotics emerged (by A. J. Greimas), and, with Jacques Lacan's developments, Freudian psychoanalysis meets Saussure's linguistics. The French psychoanalyst's thesis of the unconscious structured as a language is based on the notion of sign brought by the Genevan linguist. The reading of the Saussurian sign was useful to Lacan for his return to Freud and his understanding of the concept of the unconscious, but Semiotics shows us that the paths that linguists took with the sign are different from the ones the psychoanalyst did. The objective of this research is to seek a resumption of dialogue between the theories, bringing out their differences, mainly in terms of understanding what the sign is and how it is dealt with. For the theoretical discussion, in addition to the authors already mentioned, we count on Fiorin (2003; 2013; 2016) and Barros (1999) to think about Semiotics, and on Quinet (2012) and Garcia-Roza (2008; 2009) to discuss psychoanalysis. A clinical vignette from a Lacanian psychoanalysis session was analyzed both from the perspective of Greimasian Semiotics and from the point of view of psychoanalysis. The same object under readings of the two theories showed how each one constructs its form of analysis from its theoretical framework and their approximations and distances. From the similarities and oppositions between the analyses it appears that an interface between both theories is not tangible as long as the notions of language, subject and signifier are much different between them.

Key Words: Semiotics, Psychoanalysis, Unconscious, Linguistics, Signifier

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. ÀS VOLTAS COM O SIGNO	15
1.1 O Signo saussuriano	17
1.2 Hjelmslev e os planos do signo	23
1.3 Greimas e a Semiótica francesa	26
1.3.1 O nível fundamental	27
1.3.2 O nível narrativo	29
1.3.3 O nível discursivo	33
2. ÀS ESCUTAS COM O INCONSCIENTE.....	40
2.1 A via régia para conceituar o inconsciente	41
2.2 Chistes e o Jogo de Palavras.....	49
2.3 Nas cadeias significantes	54
3. AMAR COM O SIGNIFICANTE.....	64
3.1 Vinheta Clínica	66
3.2 Leitura Semiótica.....	67
3.3 Leitura Psicanalítica	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

A relação do sujeito com a linguagem tomou o centro das discussões científicas, principalmente com o advento da psicanálise e da linguística moderna datadas do início do século XX. Tratava-se ali de colocar não mais o mundo como centro, tampouco o homem como o centro, mas, entre o mundo e o homem, um abismo: a linguagem. Para Bevidas:

[...] inscrever a psicanálise no terceiro grande paradigma da cognição humana, segundo alguns autores, o qual absorve o “paradigma aristotélico” (o mundo como *a priori*) e o “paradigma cartesiano” (o sujeito cognoscente como *a priori*) num paradigma Semiótico, para o qual a “semiose” do discurso se põe como o locus conceptual de onde se depreende qualquer saber sobre o mundo e sobre o sujeito. (2000, p. 22)

Segundo o autor, temos a psicanálise e a linguística (bem como a Semiótica) nesse paradigma científico no qual entre o homem e o mundo há o signo, pelo qual podemos apreender a realidade. Esse foi um primeiro questionamento que incentivou a elaboração desta pesquisa: por participarem de um mesmo paradigma científico, tanto a psicanálise quanto a linguística e a semiótica deveriam de ter em seus arcabouços algo em comum. O que há de comum que poderia sustentar um diálogo entre as duas?

Freud (1856 - 1939) e Saussure (1857 - 1913) são figuras que ocupam, cada qual em sua prática de análise e teoria, papel fundamental para as discussões que percorrerão até os dias de hoje o que há de fundante da linguagem na vida psíquica e social do homem. Apesar das construções teóricas dos dois autores serem quase contemporâneas uma da outra, o diálogo entre estes pensadores jamais existiu diretamente. A brevidade da vida de Saussure e a distância geográfica entre eles talvez tenham contribuído para esse não-diálogo. Ainda assim, se os fundadores dessas duas teorias não puderam dialogar diretamente sobre o que pensaram e analisaram a respeito da relação do humano com a linguagem, seus leitores tardios assim fizeram. Um destes é Michel Arrivé (1994; 1999) que aponta para um diálogo indireto entre os dois:

Freud conhecia perfeitamente o nome de Saussure. Ou antes, o nome de um Saussure. Mas não era Ferdinand: era o seu filho Raymond. Freud escreveu um prefácio para a sua obra *O método psicanalítico*, publicada em 1922. Nesse texto, na verdade moderadamente ensaístico, Freud assinala que ‘o Dr. de Saussure [...] também fez o sacrificio [admire-se essa palavra, M.A.] de submeter-se a uma análise comigo’. (ARRIVÉ, 1994, p. 15)

É com Arrivé, então, que esta pesquisa toma forma e inspiração num primeiro momento. Ele foi um dos primeiros a estabelecer diálogo entre os pensadores das duas teorias e dos desdobramentos que ela teve ao longo do século passado, mesmo tendo sido Lacan quem usou – a seu modo – a(s) linguística(s) para fazer seu retorno à Freud. O psicanalista francês recorre, em seus primeiros anos de ensino, principalmente a Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson para dar sustentação à sua tese de que o *inconsciente é estruturado como uma linguagem*, que é, fundamentalmente, a base conceitual sobre a qual se apoia esta pesquisa. Cabe destacar, aqui, que esta pesquisa se circunscreve ao início da obra de Jacques Lacan, das décadas de 1950 - 1960, quando a aproximação entre a psicanálise e a linguística marca fortemente a obra do autor. Sabe-se que, posteriormente, essa relação com a linguística tomará outros rumos, bem como haverá avanços no entendimento e concepção de inconsciente. Para Beividas (2000), o psicanalista francês irá abandonar a linguagem dos linguistas em prol de sua teoria dos matemas e dos nós borromeanos, já na década de 1970. Portanto, cabe aqui apontar que esta pesquisa se dedicará aos primeiros anos dos seminários de Jacques Lacan, quando, em seu retorno a Freud, propõe essa leitura do inconsciente atravessada pela linguística.

Arrivé nos conta que o primeiro desejo – se podemos assim dizer – de misturar as duas ciências partiu do próprio filho de Saussure, então analisante de Freud. Disse ele numa carta a Charles Bally, que editou o *Curso de Linguística Geral*:

O sr. Freud, em *Psicopatologia da vida cotidiana*, apresenta alguns casos de lapsos, que ele tenta explicar psicologicamente. Parece-me que esse seria um campo novo de investigações para a linguística. (SAUSSURE apud ARRIVÉ, 1994, p. 16)

Edouard Pichon (1890 - 1940) foi, ainda segundo Arrivé, “O primeiro que vestiu a roupa do analista sem deixar a do linguista [...]” (1994, p. 22). No que tange à semiótica de linha francesa – ciência cujo início também passa pela obra de Saussure – que tem como criador A. J. Greimas (1917 - 1992) e que avança pelas mãos de outros autores, como, por exemplo, Zilberberg, Fontanille e Floch, não há registros do uso da psicanálise enquanto técnica de análise do sentido – tal que provocou Raymond – no desenvolvimento da teoria semiótica. Há, sim, menções a ela, por vezes de maneira superficial e pouco proveitosa.

A partir do trabalho de um psicanalista que se utiliza da noção freudiana de inconsciente – o primeiro grande conceito fundante da psicanálise – articulando-o com a linguagem –

um conceito amplamente estudado pelos linguistas – fica por entender que falta ou faltou aos estudiosos da linguagem também levar em consideração a noção de inconsciente e a maneira pela qual tanto Freud quanto Lacan contribuem para a compreensão do dizer humano. Arrivé (1994, 1999) aponta para uma diferença que, aqui afirmo, não deveria ser limada, mas levada às últimas consequências para desdobramentos das duas teorias (algo que se almeja com esse projeto):

Principalmente, seria preciso postular que a linguagem, tal como ela inter-vém no tratamento *não tem nada a ver* com a linguagem tal como a descreve o linguista. Seria preciso admitir que existem duas linguagens, certamente homônimas, mas totalmente disjuntas. ‘O inconsciente estruturado como uma linguagem’? Sim. Mas o *uma* permite supor - a rigor - *duas* linguagens, e decretá-las incompatíveis. (ARRIVÉ, 1994, p. 23)

A provocação de Arrivé nos serve de combustão para as articulações por vir. A maneira como cada ciência trabalha a linguagem humana é distinta mas, necessariamente, disjunta? A obra lacaniana que propõe ao inconsciente um funcionamento por leis fundamentais, sendo estas por excelência languageiras, não nos permite supor que há caminhos para conjunções? A narrativa e as artimanhas discursivas para a construção de um sentido dentro de um texto, não podem levar em conta os mecanismos inconscientes no arcabouço das elocubrações do sentido do texto?

É com essas questões e provocações que esta pesquisa se direciona para discutir um tema explorado por muitos outros, mas ainda não exaurido. Ainda nos dias de hoje, a cada passo que se dá no entendimento do signo linguístico posicionado no centro da problemática do homem – e de seu adoecimento, vide o trabalho psicanalítico – é mister o compromisso com a linguagem e com a língua na construção diacrônica e no fazer sincrônico.

São indiscutíveis os avanços que a psicanálise teve no mundo a partir dos estudos de Jacques Lacan, que, sem a linguística, não poderia ter avançado de maneira tão contundente. À linguística muito deve a psicanálise e os psicanalistas, pois hoje o que se opera na clínica é com a noção de significante e sua estruturação inconsciente, de um inconsciente languageiro que produz significações e equívocos. Qualquer psicanalista que esteja na clínica depara-se com fenômenos da palavra, do dito, do dizer, e sem eles uma psicanálise não seria possível. Por isso, não à toa as contribuições da linguística para a teoria e a prática psicanalítica são tão caras e foram fundantes de uma nova psicanálise a partir da década de 1950, quando outros

psicanalistas encaminhavam a teoria psicanalítica cada vez mais para uma adaptabilidade do indivíduo ao seu meio social.

Michel Arrivé (1994) apresenta uma consistente e minuciosa pesquisa em *Linguística e Psicanálise - Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e Os Outros*, na qual apresenta as teorias e suas interlocuções, e aponta diálogos por parte dos semióticos:

Talvez se tenha esquecido depressa demais que, dentre os linguistas, Greimas foi um dos primeiros a levar explicitamente em conta os conceitos da psicanálise. Já na *Semântica Estrutural* (publicada em 1966, mas em elaboração havia anos), vemo-los analisar, no âmbito de sua teoria das 'isotopias' a estrutura biplana do discurso onírico (conteúdo manifesto e conteúdo latente). (ARRIVÉ, 1994, p. 73)

Cabe, neste estudo, buscar contribuições que a psicanálise trouxe e ainda pode trazer para a linguística e a semiótica. Esse é o objetivo traçado por essa pesquisa e que pretende, ao final dela, ao menos apresentar as tensões entre as duas teorias para que avancemos em novos diálogos.

Jean-Claude Milner (2012), também se debruça, em *O amor da língua*, sobre a desafiadora tarefa de entender a interface entre desejo inconsciente e a dimensão da língua, articulando os saberes da linguística com o da psicanálise lacaniana:

Dito ainda de outro modo, será que a língua não passa de uma máscara arbitrariamente construída e que não tangencia nenhum real? Essa é justamente a incerteza que trespassa o linguista, por menos que a efetividade da psicanálise não lhe seja desconhecida. (MILNER, 2012, p. 23)

No Brasil, temos o semiótico Waldir Bevidas (2000) que apresenta como tese de doutorado o estudo *Inconsciente et verbum - Psicanálise, Semiótica, Ciência, Estrutura* no qual também irá explorar possíveis diálogos atuais entre as duas ciências:

A doutrina lacaniana só faz sentido se fundada e inteiramente balizada na sua tese maior, isto é, no registro *epistemológico* da linguagem como 'condição do inconsciente', e no registro *metodológico* do 'inconsciente estruturado como uma linguagem'. (BEVIDAS, 2000, p. 292, grifos do autor)

Por parte dos psicanalistas, não há como não recorrer ao conceito de significante e de inconsciente sob sua perspectiva linguageira, tornando quase todo trabalho no campo psicanalítico como articulado – ainda que por vezes de maneira não tão explícita – aos pressupostos linguísticos.

Embora tenhamos um caminho teórico de exploração das articulações teóricas entre linguística e psicanálise, bem como um breve caminho teórico entre semiótica e psicanálise, cabe a este estudo propor a leitura de uma vinheta clínica, isto é, um relato de uma sessão de psicanálise de orientação lacaniana. Ler a vinheta clínica sob as perspectivas teóricas da semiótica francesa, descrevendo como se estabelecem os sentidos do texto em contraponto com uma leitura psicanalítica do que se estabelece nesta vinheta servirá para compor os diálogos e tensões que podemos ter entre as duas teorias.

Schlachter e Beividas (2010) produziram um estudo intitulado *Recalque, rejeição, denegação: modulações subjetivas do querer, do crer e do saber*, no qual buscam estabelecer distinções entre três mecanismos do inconsciente (recalque, rejeição e denegação) explorando, a partir do campo semântico que cada termo tem em português e em alemão, como seriam as modulações do querer, crer e saber em cada um destes mecanismos. O artigo utiliza a teoria semiótica greimasiana para fazer uma leitura das diferentes posições subjetivas que os sujeitos podem assumir e com as quais o psicanalista terá de lidar em sua escuta clínica. Há, então, uma extensa e minuciosa aplicação da semiótica greimasiana com o objetivo de que a leitura semiótica possa facilitar a prática do psicanalista em sua escuta do que é da ordem do recalque, da rejeição e da denegação, a partir de como o querer, o crer e o saber modalizam as narrativas.

Os autores avançam em relação aos demais estudos que se debruçaram no diálogo entre as duas teorias, ao apontar para uma aplicação prática da semiótica em prol de uma prática da psicanálise. Que avanços propriamente traz a semiótica para a psicanálise quando estrutura os saberes psicanalíticos pela metalinguagem que estabelecem para leitura e apreensão de sentido? Embora não seja o único estudo que faça isso, sua leitura serviu de fomento para que se faça, sobre um mesmo texto – a vinheta clínica acima referida –, duas leituras, a fim de que se possa reconhecer aberturas e limites nos princípios e finalidades de cada teoria.

Partindo de uma vasta revisão bibliográfica, contemplando os principais livros e artigos produzidos nesse cenário, bem como visitando as principais obras de cada uma das teorias, o trabalho se estabelece compondo e contrapondo os pensamentos encontrados nestes anos de pesquisa.

O trabalho percorrerá, então, um primeiro capítulo dedicado às bases linguísticas com Saussure e Hjelmslev que darão conta de apontarmos a construção da semiótica de Greimas e

seu percurso gerativo de sentido – método de análise de um texto. Em seguida, iremos explorar a descoberta freudiana do inconsciente, debruçando-nos sobre como Freud o reconheceu e em como ele se manifesta. Partiremos, ainda no mesmo capítulo, para a explanação do *inconsciente estruturado como uma linguagem* proposto por Jacques Lacan, no qual iremos, a partir de Freud e Saussure, buscar compreender a proposição do inconsciente por parte do psicanalista francês e a construção de uma teoria do significante. Para finalizar este estudo, mas não esvaziar as discussões que ele propõe, o terceiro capítulo trará a vinheta clínica e sua leitura semiótica e psicanalítica, a fim de que possamos, por fim, sustentar a discussão da possível relação entre as duas teorias com seus diálogos e tensões.

1. ÀS VOLTAS COM O SIGNO

Ferdinand de Saussure, pai da linguística moderna, embora tenha tratado da língua e da fala, trazendo para o campo da linguística importantes contribuições para pensarmos a relação da linguagem com o homem, jamais tratou da noção do inconsciente tal qual Freud a postulou. Em seus escritos e curso, nos quais coloca o signo como o centro da relação entre língua e fala, quando cita algo relacionado ao inconsciente, ele o emprega como um adjetivo, num sentido descritivo do termo. Para Arrivé:

Em síntese, o que Saussure nos diz aqui é que quando usamos um elemento da língua, qualquer que seja ele, nós o fazemos sem fazer dele objeto de uma reflexão consciente: não temos, graças a Deus, necessidade de dar conscientemente atenção à programação da sucessão de sons em nosso discurso. (2010, p. 186)

O autor irá discutir, com Lacan, se o que Saussure formulou em sua teoria da linguagem pode ser também compreendido naquilo que Freud postulou de linguagem a partir do inconsciente. Sem entrar no embate de quem escreveu primeiro algo que pudesse ser comum aos dois autores da virada do século XIX para o século XX, o que Saussure parece descrever como inconsciente enquanto adjetivo é a qualidade de dar (ou não) atenção (consciente) às características e leis que compõem o funcionamento da língua. Isto é, os falantes utilizam os elementos dispostos na língua sem que tenham que saber como descrevê-los.

Assim, a primeira distinção que podemos depreender entre o que Saussure denomina inconsciente e o que Freud assim denomina (como vamos explorar no próximo capítulo), é justamente a diferenciação entre o que é descritivo e o que é tópico, o inconsciente empregado como adjetivo, para Saussure, e o inconsciente empregado como substantivo, para Freud. Saussure, em seu Curso de Linguística Geral (CLG), ao se perguntar sobre as transformações da língua no decorrer da história, irá apontar que “os indivíduos, em larga medida, não têm *consciência* das leis da língua, e se não as percebem, como poderiam modificá-las?” (2012, p.113, grifos meus). Assim, ele nos apresenta a ideia de que a língua não está isenta dos processos de transformações que ela pode sofrer no decorrer do tempo, a partir do uso por seus falantes, que operam deslocamentos no signo linguístico. Depreendemos que o inconsciente,

para Saussure, está aqui: ainda que os falantes não saibam as leis da língua, modificam-na com o tempo.

Embora seja o psicanalista que tenha dado ao inconsciente a característica de um sistema, de uma instância psíquica, Arrivé aposta – como outros autores, inclusive Lacan – que “as formulações saussurianas sobre a linguagem correspondem às formulações freudianas sobre o inconsciente. Em suma, Saussure, sem saber, formula como Freud (antes ou depois dele, pouco importa) as leis do inconsciente.” (ARRIVÉ, 2010, p. 185). Algo em relação ao funcionamento da linguagem foi apreendido e transmitido por estes dois autores, cada qual em sua teoria, de formas diferentes, mas com alguma raiz em comum, o que nos possibilita fazer aproximações e diferenciações. Ainda com Arrivé:

[...] o inconsciente saussuriano é um inconsciente linguístico, estritamente linguístico. Os objetos que o constituem são apenas e exclusivamente objetos linguísticos. Mas eles estão, assim como os objetos do inconsciente freudiano, submetidos a ‘processos’ que se destacam em comparação aos processos conscientes. (2010, p. 189)

Entende-se que esses objetos linguísticos que estritamente constituem o inconsciente tal qual Saussure propõe são os signos linguísticos. A aposta de Arrivé na correspondência entre os dois inconscientes é explicitada na seguinte citação que ele faz de Engler (ARRIVÉ, 2010, p. 188):

Toda regra, toda frase, toda palavra relativa às coisas da linguagem evoca necessariamente a relação *a/b* ou até mesmo a relação *a/a'*, sob a pena de não significar nada se a analisarmos.

Com efeito, é precisamente porque os termos *a* e *b* são radicalmente incapazes de chegar como tais às regiões da consciência, que perpetuamente percebe apenas a diferença *a/b*, que cada um desses termos permanece exposto (ou se torna livre), naquilo que lhe concerne, a se modificar segundo outras leis diversas das que resultariam de uma penetração constante do espírito (Engler, 1968-1989, 266; *Écrits*, 219; o texto de onde esse segmento provém é o ilustre projeto, datado de 1894, de artigo para Whitney, deixado inacabado por Saussure).¹

O que o leva à correspondência com o inconsciente tópico freudiano é a incapacidade dos termos *a* e *b*, que compõem em relação entre si palavras e frases, chegar à consciência. Algo desta relação só é perceptível em seu caráter de diferença. Este é, segundo Arrivé, o úni-

¹ O texto citado está exatamente assim no livro de Arrivé (2010, p. 188). Não fica claro se no texto ele cita Engler, Saussure ou até mesmo Whitney. Nas referências bibliográficas do livro, não é possível localizar nenhuma referência que se refira às datas e páginas ali citadas.

co ponto em que Saussure se aproxima do inconsciente tópico freudiano e não se refere ao inconsciente descritivo. Porém, não é sobre essa passagem que Lacan irá se deter para construir a tese do *inconsciente estruturado como uma linguagem*. Cuidaremos, então, de compreender como foi a construção da teoria de Saussure, no seu caráter linguístico e semiológico, a fim de depreender como ela foi utilizada posteriormente por semióticos e também pelo psicanalista francês.

1.1 O Signo saussuriano

O *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, é a obra inaugural da Linguística Moderna. A partir de cursos ministrados na Universidade de Genebra entre os anos de 1906 e 1911, as anotações de diversos alunos das aulas ministradas por Saussure foram transformadas em livro por Charles Bally e Albert Sechehaye que segue até os dias de hoje sendo base para o ensino em universidades, bem como para discussões acerca da linguística. No *CLG* (sigla utilizada para *Curso de Linguística Geral*), Saussure nos apresenta o advento da linguística no caminho da evolução e diferenciação com outros saberes prévios a ela que se dedicavam aos fatos da língua, a saber: a gramática, a filologia e a gramática comparada. Cabe à Linguística estudar as manifestações da linguagem no homem, descrevendo a história das línguas bem como o que as constitui.

Ao se perguntar o que é a língua, Saussure diz:

Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (2012, p. 41)

Sendo a língua parte da linguagem, depreendemos que a linguagem é uma expressão maior que a língua, sendo esta circunscrita a um conjunto de convenções adotadas por um corpo social, ou seja, códigos compartilhados em uma determinada sociedade para que seus indivíduos possam assim se comunicar. Ao ato individual destes, denomina-se fala. A língua é “a parte social da linguagem; é exterior ao indivíduo, que não pode criá-la nem modificá-la.” (FIORIN, 2013, p. 100) e, sendo social, pode ser caracterizada como dentro dos fatos humanos, enquanto a linguagem, não necessariamente. Ainda assim, a linguística tomará va-

lor de ciência ao se relacionar com a estrutura da linguagem, por considerá-la “um sistema de signos que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2012, p. 47). Para Fiorin (2013) se a língua é composta como um sistema de signos, “[...] será preciso criar uma ciência geral desses sistemas, que será denominada *Semiologia*.” (p. 101). Concebendo “[...] *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*” (SAUSSURE, 2012, p. 47), a Semiologia estudará a constituição dos signos e as leis que os regem, fazendo com que a Linguística se circunscreva dentro dela. Assim, Saussure caminhará seu curso para a compreensão da natureza do signo linguístico.

O primeiro aspecto do signo linguístico apresentado pelo linguística genebrino é ele ser uma unidade de dupla face, a união de dois termos. Diferentemente de outros estudos da língua e da linguagem, o autor nos apontará que “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica.” (SAUSSURE, 2012, p. 106). Para Fiorin (2013), a noção de imagem acústica não se refere ao que há de material físico nos sons, mas às representações psíquicas. Isso nos ajuda a pensar que não se trata de um exercício da língua enquanto nomenclatura, isto é, as coisas em si não preexistem à linguagem. Esse caráter de impressão psíquica do som trazido pela imagem acústica, sustenta que “O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura:”. (SAUSSURE, 2012, p.107)



Fonte: Saussure, 2012, p. 107

Definirá assim como signo essa união entre conceito e imagem acústica e trará, como exemplo, o conceito de árvore em relação a imagem acústica *arbor*. Quando então evocamos a palavra árvore, trazemos com a imagem acústica também aquilo que ela significa, donde Saussure irá nos propor denominar signo a união de um significado (conceito) a um significante (imagem acústica). O signo como está descrito no *CLG*: uma elipse com um significado

(conceito) na parte superior e significante (imagem acústica) na parte inferior, com duas flechas laterais em sentidos opostos.

Nos *Escritos* (SAUSSURE, 2004) ele aparece de outra forma. Não traz a elipse, tampouco as flechas, como no *CLG*. Aqui, podemos observar que quando o autor trata do signo linguístico, utiliza outros termos para designar aquilo que ficou entendido como conceito e imagem acústica. Numa dessas passagens (SAUSSURE, 2004, p. 249), ele a coloca da seguinte forma:

ideia
som

Fonte: Saussure, 2004, p. 249

A retirada da elipse e das flechas pode abrir para a interpretação de que há apenas uma relação entre significado e significante – tal como é a percepção da semiologia – mas não necessariamente de que um esteja acima do outro, com alguma vantagem ou preferência. Desta forma, podemos pensar que a representação poderia ser com o *som* acima e a *ideia* abaixo. O que importa, para a semiologia é que um não existe sem o outro.

Assim, é mister destacar que a leitura semiológica do signo tal qual Saussure postula, é feita por linguistas e semioticistas de uma maneira diferente daquela que os psicanalistas, após a leitura de Jacques Lacan, fazem. Para o linguista e semioticista Fiorin (2012, p. 102), “Não se pode ter um significado sem o significante correspondente e vice-versa. Esse primeiro postulado significa que, num projeto semiológico, todo significado tem que estar ancorado na materialidade da linguagem.” Há de se concordar com Fiorin naquilo que postula a respeito da necessidade da relação significado e significante para que isso seja um signo. Não há, na semiologia, um significante que não traga consigo um significado e tampouco há um significado que não se sustente com um significante. Mas o que enlaça o signo, isto é, o que une a face do significado à face do significante, é arbitrário. Com isso, temos o segundo aspecto do signo linguístico, central na teoria saussuriana: a arbitrariedade do signo.

Saussure nos aponta que não há nada na materialidade do significante que nos dê pistas do conceito, do significado que ele carrega. Utiliza como exemplo a ideia de mar, que em nada extrai da sequência de seus sons *m-a-r* para produzir seu significado. Apontará também que uma mesma ideia tem diferente expressão significante em línguas distintas. Sabemos que

o mesmo conceito de mar pode ter como significante *sea*, em inglês e *mer* em francês. Esse enlaçamento do significante ao significado receberá essa característica de ser arbitrário:

A palavra *arbitrário* também requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...] queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 2012, p. 109)

A colocação de arbitrário como imotivado implica na convenção que se faz em determinada língua, isto é, de que a sequência de sons *m-a-r* trará a ideia de mar, não é de livre escolha dos indivíduos, mas é determinada pela língua enquanto fato social.

O outro princípio que Saussure irá apontar para caracterizar o signo linguístico é o *caráter linear do significante*: “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão*: é uma linha” (SAUSSURE, 2012, p. 110). Posteriormente, ele nos dirá que a importância dessa lei é trazer essa característica do tempo e também da formação dos significantes em cadeia.

Interessa-nos apontar aqui esses princípios do signo linguístico pois eles terão leituras e propriedades diferentes na semiótica e na psicanálise. A relevância de retomar esses conceitos, inúmeras vezes explorados em diferentes pesquisas, recai na singularidade desta, em especial, por apreender Saussure como uma obra aberta. Múltiplas leituras se fizeram de sua teoria e diversos caminhos foram percorridos, sem, entretanto, desvalorizar a importância e o avanço que seu estudo trouxe para os diversos saberes da virada do século XIX para o XX.

Mas há ainda um aspecto do signo que é importante explorar. Em seus *Escritos*, Saussure, ao falar sobre as características da língua e a semiologia, emprega constantemente as palavras *valor* e *diferença*, que também estão presentes no *CLG*. A noção de diferença nos ajuda a compôr a noção de valor, ou seja, o valor do signo linguístico se dá a partir da diferença que ele estabelece com outro signo: “[...] cada um deles tem um *valor* dado por sua relação com os outros.” (FIORIN, 2012, p. 102) Saussure nos aponta que, quando se trata da relação arbitrária de um significado e um significante, estamos no campo da *significação*, embora, em diversos momentos, a *significação* apareça como relacionada ao significado. A relação entre significado e significante é representada pelas flechas:



Fonte: Saussure, 2012, p. 161

E seria dessa ordem a significação. O valor, ele nos apresenta a partir de uma relação de flechas horizontais:



Fonte: Saussure, 2012, p. 161

O valor do signo se dá, então, por oposição que ele estabelece com outros signos, sendo esta oposição da ordem da diferença, daquilo que o signo não é. Para existir o valor, Saussure implicará a dessemelhança, isto é, possibilidade de ele ser trocado, e a semelhança, a possibilidade de ele ser comparado. Trará o seguinte exemplo:

[...] para determinar o que vale a moeda de cinco francos, cumpre saber: 1º - que se pode trocá-la por uma quantidade determinada de uma coisa diferente, por exemplo, pão; 2º - que se pode compará-la com um valor semelhante do mesmo sistema, por exemplo uma moeda de um franco ou uma moeda de algum outro sistema (um dólar, etc). Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: outra palavra. (SAUSSURE, 2012, p. 162)

Sendo assim, o valor de um signo linguístico se dará a partir da sua relação de diferença com os demais signos que estão encadeados, donde poderemos depreender a significação:

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são. (SAUSSURE, 2012, p. 162)

Com essas considerações sobre o signo, a lembrar: a) união de significado e significante; b) arbitrariedade do signo; e c) a noção de valor, pode-se implicar que “*na língua só existem diferenças*” (SAUSSURE, 2012, p. 167). Essa construção nos aponta para uma máxima que já fora colocada por Saussure, de que não há exterioridade na língua, isto é, não há anterioridade à língua, as coisas não preexistem à língua. Toda possibilidade de exterioridade se internaliza nesse sistema apresentado por Saussure. Cardoso (2010) nos aponta que “[...]toda realidade é informada simbolicamente de saída, e mesmo as formas de exterioridade devem ser internas à estrutura da linguagem.” (p. 3). Para o autor há uma inconsistência inerente nessa interioridade absoluta da estrutura da linguagem e que é representada justamente pela noção de valor em Saussure:

[...] a arbitrariedade indica a impossibilidade de haver uma substância primeira, anterior à linguagem, tal consideração se deve ao fato de que existe uma exterioridade interna à língua, o que aponta para a presença de uma indeterminação no coração do processo de determinação do sentido. É a partir da presença desse *quantum* de indeterminação no seio do determinado, designado pelo princípio de arbitrariedade, que entramos no registro do Valor. (CARDOSO, 2010, p. 4)

A aposta que se estabelece, na leitura do autor, é de que por não haver um mundo natural exterior à linguagem e por ela se estabelecer a partir de diferenças traz-se para a noção de valor uma recusa ao dualismo na teoria de Saussure. Assim, ele avança em sua aposta de que a determinação e a indeterminação no interior do signo nos levariam à compreensão de que o sentido e o sem-sentido são inseparáveis. O signo é e não é? Talvez essa questão possa ser respondida a partir da leitura que Lacan faz de Saussure.

Continuando a obra do mestre genebrino, surge no cenário da linguística Louis Hjelmslev (1899 - 1965), de origem dinamarquesa que virá a compor o Círculo Linguístico de Copenhague. Iremos agora explorar o entendimento que ele teve da teoria de Saussure, bem como avanços e novas perspectivas que ele trará para a noção de linguagem e de signo linguístico.

1.2 Hjelmslev e os planos do signo

O desenvolvimento da Semiologia por parte de Louis Hjelmslev se dá em diversos textos e estudos do autor. O mais conhecido é *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, de 1943, no qual Hjelmslev irá tratar a noção de significante e significado de forma ampliada, como plano de expressão e plano de conteúdo. "O que o linguista dinamarquês pretende fazer nessa obra é exatamente estabelecer os princípios que deveriam nortear a construção de uma ciência da linguagem ou de uma ciência das linguagens." (FIORIN, 2003, p. 20). Tal como Saussure, Hjelmslev aponta a direção da Semiologia como um estudo dos signos no centro das relações do homem com o mundo, escapando de um possível transcendentalismo da linguagem ou mesmo da possibilidade de haver nomeação das coisas em si, sem o signo. Fiorin (2003) nos aponta que Hjelmslev traz uma visão da imanência da linguagem comportando-a em si mesma, como uma estrutura.

A teoria da linguagem se interessa pelo texto, e seu objetivo é indicar um procedimento que permita o reconhecimento de um dado texto por meio de uma descrição não contraditória e exaustiva do mesmo. Mas ela deve também mostrar como é possível, do mesmo modo, reconhecer qualquer outro texto da mesma natureza suposta, fornecendo-nos instrumentos utilizáveis para tais textos. (HJELMSLEV, 2013, pp. 19-20)

Aqui vemos como Hjelmslev traça o objetivo de seu projeto para uma teoria da linguagem, apostando como caminho o estudo de sua estrutura interna. Ele estabelece o que se denomina linguística estrutural: "[...] um conjunto de pesquisas que repousam em uma *hipótese* segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem como sendo *essencialmente* uma *entidade autônoma de dependências internas* ou, numa palavra, uma *estrutura*." (1991 [1948], p. 29, grifos nossos). A linguagem tem uma estrutura e estamos, neste trabalho, estabelecendo como a linguística entende e explica a estrutura da linguagem.

A forma de análise que o autor propõe é ir do caminho do texto em sua totalidade aos menores componentes em exaustão, isto é, até que não haja mais possibilidade de análise. Assim, estabelece-se uma teoria que permita um cálculo das possibilidades de análise e que, então, poderá ser testada em seu próprio percurso de análise. Com algumas premissas básicas dos componentes de um texto, parte-se então para sua análise, até que se esgote ou que as premissas sejam insuficientes, como nos mostra Fiorin:

Nesse momento, é a condição de aplicabilidade da teoria que está em questão, não a teoria em si, na medida em que ela é um cálculo correto, a partir das premissas estabelecidas. O que é necessário fazer é estabelecer novas premissas que tornem o cálculo mais complexo e mais abrangente. (2013, p. 24)

A linguística estrutural, a partir da teoria da linguagem de Hjelmslev, deixa de se preocupar apenas com os sons, os caracteres escritos e até mesmo com os significados e passa a se preocupar, estudar e calcular a relação que se estabelece entre eles:

O importante não são os sons, os caracteres ou os significados enquanto tais, mas suas relações mútuas no interior da cadeia do discurso, e esse sistema interior é que caracteriza uma língua em oposição a outras línguas, ao passo que a representação por sons, caracteres e significados é irrelevante para o sistema, de vez que pode ser mudada sem afetá-lo. (1991, p. 38).

Isso só foi possível a partir da extração que o linguista dinamarquês fez da teoria semiológica de Ferdinand de Saussure, sempre referenciando o suíço e sempre afirmando o caráter estrutural da leitura que ele faz de suas obras.

Fiorin (2003) nos explica que uma língua é uma semiótica, visto que os elementos do plano de conteúdo não têm uma unívoca relação com os elementos do plano de expressão, nos permitindo operar com os dois planos: “Na língua, os elementos de expressão e de conteúdo, permitem uma análise em figuras de um e outro plano, que não tem correspondência unívoca.” (p. 106). Ele ainda nos explicará que o jogo de xadrez não é uma semiótica visto que o elemento *rei* em sua expressão e seu conteúdo são unívocos, determinando o papel que a peça tem no jogo. A desconformidade, isto é, a relação não unívoca entre plano de expressão e plano de conteúdo é o que nos permite entrar no campo da semiótica para esse autor.

O caminho traçado por Hjelmslev é expandir a construção saussuriana de signo, trazendo novas amplitudes para o campo da linguística. Já sabemos que um signo não tem seu significado no exterior dele, como se existisse algo no conceito *mesa* que nos fizesse produzir seu significante *m-e-s-a*. Não há signo *de* algo, pois a arbitrariedade promove a formação do signo estabelecendo uma relação entre significado e significante. Hjelmslev irá apontar que há uma *função*² *semiótica* entre os *funtivos*³ expressão (significante) e conteúdo (significado), implicando a solidariedade no seio disso:

² “Uma dependência que preenche as condições de uma análise será denominada função.” (HEJLMSLEV, 2013, p. 39)

³ “Serão denominados funtivos de uma função os termos entre os quais esta existe, entendendo-se por funtivo um objeto que tem uma função em relação a outros objetos.” (HEJMSLEV, 2013, p. 39)

Também há solidariedade entre a função semiótica e seus dois funtivos: expressão e conteúdo. Não poderá haver função semiótica sem a presença simultânea desses dois funtivos, do mesmo modo como nem uma expressão e seu conteúdo e nem um conteúdo e sua expressão poderão existir sem a função semiótica que os une. (2013, p. 53)

Fica claro, aqui, que para a linguística estrutural e a concepção semiótica trabalhada até este ponto, não há possibilidade de haver expressão sem conteúdo ou conteúdo sem expressão. Assim como podemos inferir que não há significante sem significado e vice-versa.

O linguista dinamarquês ainda nos aponta uma diferenciação entre o conteúdo e o sentido, sendo este último passível de uma análise lógica ou mesmo psicológica (HJELMSLEV, 1991, p. 56). Para tanto, o autor nos apresenta uma frase com o mesmo sentido “eu não sei” em diferentes línguas, para nos apontar a forma que cada uma tem para estabelecer seu sentido. *I do not know* (inglês), *jeg véd det ikke* (dinamarquês) e *je ne sais pas* (francês) que, embora apontem para o sentido de “eu não sei”, estruturam-se de maneiras distintas. "O mesmo sentido estrutura-se diferentemente nas distintas línguas. A maneira de combinar diferentemente o conteúdo nas diversas línguas constitui a forma do conteúdo no processo." (FIORIN, 2003, p. 36).

Cada um desses planos, de expressão e conteúdo, possui uma substância e uma forma em sua composição. Na língua, por exemplo, temos os sons (a fonética) e os fonemas (a fonologia) como substância e forma, respectivamente, do plano de expressão. No plano do conteúdo temos o conceito como a forma e o sentido como substância. No que tange à linguagem, essa pode ser considerada um sistema de signos - o que pode ser também lido na teoria psicanalítica principalmente após Jacques Lacan. De acordo com Hjelmslev:

Segundo sua finalidade, uma linguagem é, antes de mais nada, um sistema de signos; a fim de preencher plenamente esta finalidade, ela deve ser sempre capaz de produzir novos signos, novas palavras e novas raízes. (2013, p. 51)

Chegamos aqui mais próximo de definir, ou quiçá delinear melhor, como podemos conceber o que é uma semiótica. Para além do que já dissemos anteriormente, de ela ser uma relação entre dois planos (de expressão e de conteúdo), uma semiótica é passível de análise contanto que aquilo que seja analisado em um plano não tenha relação unívoca com o outro plano, preservando a não conformidade (vide o exemplo supracitado do jogo de xadrez).

1.3 Greimas e a Semiótica francesa

Iremos agora adentrar na teoria de Algirdas Julien Greimas (1917 - 1992) e seu projeto semiótico que nasce a partir da Semiologia de Saussure e da Semiótica de Hjelmslev – além de ser marcado por grande influência de diversos outros autores estruturalistas, formalistas e fenomenológicos⁴. Dando continuidade ao projeto hjelmsleviano, mas afastando-se dele no ponto de analisar à exaustão o plano de conteúdo das línguas naturais (FIORIN, 2003), a teoria de Greimas, que virá a ser chamada de Semiótica do Discurso ou Semiótica Francesa, pretende explicar a produção de sentido dos textos, bem como interpretar os sentidos ali presentes. "Pensando a significação como a criação e/ou a apreensão de diferenças, a semiótica procurará determinar não o sistema da língua, mas o sistema estruturado de relações que produz o sentido do texto." (FIORIN, 2003, p. 48) Ainda que voltada para a exploração do plano de conteúdo num primeiro momento da construção da teoria semiótica, ela mantém o pensamento hjelmsleviano da imanência, isto é, a própria estrutura do texto é que dará o sentido, e não qualquer elemento externo que possa vir a somar numa análise.

Na medida em que explica como os homens produzem e interpretam textos, a semiótica atende ao princípio do empirismo. No entanto, ela pretende ser preditiva, ou seja, explicar como se estruturam não só os textos que existem, mas todos aqueles que podem vir a existir. Isso significa que ela se organiza dedutivamente, como um cálculo, atendendo aos princípios da arbitrariedade e da adequação. (FIORIN, 2003, p. 49)

Cabe-nos agora explicar que estrutura é essa com a qual a semiótica opera. Para tal, partiremos dos principais textos de base da semiótica, passando pelo próprio Greimas, assim como Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin que, aqui no Brasil são os que se dedicaram a escrever livros didáticos introdutórios ao universo da semiótica do discurso.

A análise do plano de conteúdo de um texto, que visa depreender a estruturação do sentido do mesmo, recebe o nome de *Percurso Gerativo do Sentido*, definido por Greimas e Courtés assim:

Designamos pela expressão **percurso gerativo** a economia geral de uma teoria semiótica (ou apenas linguística), vale dizer, a disposição de seus componentes uns com relação aos outros, e isso na perspectiva da geração,

⁴ Dentre os autores que influenciaram o pensamento e a obra de Greimas, podemos citar Vladimir Propp, Edmund Husserl, Merleau-Ponty, Levi-Strauss e outros. Para este trabalho, não cabe explicar as diferentes influências que estes autores têm sobre a teoria greimasiana. Cabe aqui buscar aqueles autores que influenciaram Greimas no campo da linguística, que também tiveram forte influência na psicanálise.

isto é, postulando que, podendo todo objeto semiótico ser definido segundo o modo de sua produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um 'percurso' que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto. (2016, p. 232)

Dessa forma, podemos entender que há um caminho que produz determinados sentidos, ou, dito de outra forma, há um caminhar, uma construção, uma estrutura. É a isto que a semiótica se atenta: quais os traços do percurso que geram o sentido dos textos? Assim, ao estabelecer estruturas mínimas possíveis, podemos navegar nos diferentes textos tendo o instrumental da semiótica como suporte para extrair deles seus sentidos, bem como suas construções de sentidos.

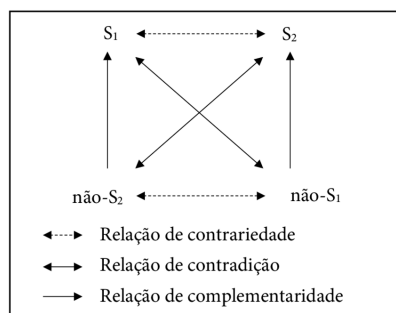
Podemos dividir o Percurso Gerativo do Sentido em três etapas que não são hierarquicamente mais ou menos importantes entre si, mas que são em alguns pontos conectadas: 1) nível fundamental; 2) nível narrativo; 3) nível discursivo. Em escala numérica, do primeiro ao terceiro nível, caminhamos de uma estrutura mais abstrata e simples (pertencente ao nível fundamental) até uma estrutura mais concreta e complexa (o nível discursivo).

1.3.1 O nível fundamental

O nível fundamental será o palco das oposições semânticas fundamentais presentes no texto, que se tensionarão entre si, produzindo diferentes caminhos para o sujeito narrativo (da segunda etapa). Neste primeiro momento, observaremos quais as categorias semânticas estão mais presentes no texto, isto é, de que, afinal, o texto está falando? Alguns exemplos de categoria semântica fundamental são as oposições entre *natureza e cultura*, *vida e morte*, *liberdade e dominação*, entre outros.

Uma categoria semântica fundamenta-se numa diferença, numa oposição. No entanto, para que dois termos possam ser apreendidos conjuntamente, é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença. Não opomos, por exemplo, /sensibilidade/ a /horizontalidade/, pois esses elementos não têm nada em comum. Contrapomos, no entanto, /masculinidade/ a /feminilidade/, pois ambos se situam no domínio da /sexualidade/. (FIORIN, 2016, pp. 21-22)

Essas categorias nos auxiliam a perceber qual a tensão semântica principal no texto e estarão distribuídas em relações lógicas que são observadas no chamado quadrado semiótico⁵:



Aqui vemos como se operam logicamente as relações possíveis entre as categorias semânticas de base num texto. Se chamarmos S1 de vida e S2 de morte, temos uma relação de contrariedade entre eles, pois nada mais lógico de que a vida ser contrária à morte. Mas a relação não para por aí, pois a contradição da vida é a não-vida (S1 e não-S1). Podemos depreender que é contraditório viver e não-viver. O mesmo é válido para a relação de contradição entre morte e não-morte. Por fim, há ainda mais uma relação lógica que podemos depreender do quadrado semiótica, que é a relação de complementariedade, na qual não-vida é complementar à morte, e a não-morte, complementar à vida.

Em seu livro introdutório *Teoria Semiótica do Texto* (1999), Diana Luz Pessoa de Barros usa como exemplo a canção *História de uma gata*, de Luiz Henrique, Sérgio Bardotti e Chico Buarque⁶ para que melhor possamos entender o que se passa no nível fundamental de um texto. Na canção, observamos a história de uma gata acostumada às mordomias de ser um animal doméstico que vive dentro de um apartamento e que tem sua trajetória transformada ao se relacionar com os gatos de rua e descobrir ali uma alegria. A autora coloca como oposição semântica fundamental *liberdade vs. dominação*. Ela retira diversos trechos da música para nos apontar momentos em que há semanticamente a noção de liberdade e também a noção de dominação e nos explica que essas categorias também são determinadas como *eufóricas* ou *disfóricas*, ou *positivas* ou *negativas*. Logo, a noção de liberdade pode ser eufórica (positiva) ou disfórica (negativa) para diferentes sujeitos da narrativa, portanto devem estar presentes no

⁵ Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Quadrado-semiotico-Costa-2013_-fig5_321658847

⁶ Letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/85973/>

texto. “Euforia e disforia não são valores determinados pelo sistema axiológico do leitor, mas estão inscritos no texto.” (FIORIN, 2016, p. 23) No exemplo da gata, personagem principal da canção, a liberdade é eufórica, positiva, é algo que a personagem almeja, enquanto a dominação que ela vive em seu apartamento e sua domesticação é disfórica, negativa, é algo de que ela quer se afastar.

Transpondo esse exemplo para o quadrado semiótico previamente apresentado, temos que a gata busca sair de um lugar de dominação, que é disfórico para ela, passando por um lugar menos disfórico que seria de uma não-dominação, para enfim ter a euforia de ter a liberdade. $S2 > \text{não-}S2 > S1$.

O nível fundamental, como o próprio nome já diz, nos dá fundamento, base, chão para os demais níveis. É a partir dele que podemos, no nível narrativo, compreender como a ação se dá a partir da semântica fundamental e das euforias e disforias presentes no texto. Para Fiorin (2016, p. 24), “A semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso.”

1.3.2 O nível narrativo

Passamos então ao nível narrativo, no qual “[...] os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças à ação também de sujeitos.” (BARROS, 1999, p. 11).

Para falarmos do nível narrativo, é mister discutirmos aqui a noção de sujeito e objeto que a semiótica propõe. Essa noção nos ajudará a compreender como se dá a circulação de valor dentre os objetos e sujeitos numa narrativa. Greimas, em *Sobre o Sentido II*, apresenta uma definição a partir de sua leitura da noção de objeto e valor presente no esquema proppiano de suas pesquisas do conto maravilhoso:

Uma definição do sujeito que não fosse ontológica ou psicológica levantava necessariamente o problema da ‘existência semiótica’, pois de acordo com o postulado teórico da preeminência da relação sobre os termos, podia-se dizer que a relação, e apenas ela, era suficiente para definir os dois termos-resultantes, sujeito e objeto, um em relação ao outro, que o sujeito existia apenas em razão de sua relação com o objeto e que, conseqüentemente, o primeiro investimento semântico de que ele era provido não era outro senão o valor

inserido no objeto com o qual estava em relação de junção. Isto posto, a circulação dos objetos se configurava como uma sequência de conjunções e disjunções do objeto com os sucessivos sujeitos, ou, o que dá no mesmo, como uma comunicação entre sujeitos, dado que estes em junção com os objetos são definidos essencialmente como sujeitos de estado. (2014, p. 20)

Aqui podemos observar o exercício de Greimas em nos apontar uma existência semiótica do sujeito, distinta de uma definição ontológica ou psicológica. Essa existência se revela a partir da relação que o sujeito tem com o objeto, relação que é pautada pelo valor atribuído ao mesmo. Essa relação pode ser descrita em duas maneiras de junção: chamamos de conjunção quando há uma relação de proximidade entre o sujeito e o objeto; por sua vez a disjunção é quando há uma relação de afastamento entre ambos. Mas tal definição apresenta-se ainda incompleta para o semioticista, que irá se perguntar o que faz os sujeitos irem atrás dos objetos. Para ele, além de um sujeito de estado, há um sujeito de fazer, podendo ser um ou mais atores da narrativa, isto é, o sujeito de estado e de fazer podem ser o mesmo ator ou atores distintos.

A narrativa será transformada à medida que o sujeito busca os valores que estarão inseridos nos objetos com os quais ele se relaciona. Quando o sujeito se relaciona com um objeto que é disfórico para ele, esse sujeito de estado buscará, através do fazer, mudar para um estado eufórico e isso transformará a narrativa. Essas tensões fóricas que estruturam a narrativa e dão a ela dinamismo serão convertidas no que se entende na semiótica por *modalizações*, isto é, modos que o sujeito estabelece relações com os objetos que, por sua vez, estarão investidos de valores.

Até aqui nós temos dois actantes da narrativa: *sujeito* e *objeto*. Também podemos dizer que há, entre os sujeitos da narrativa, uma relação contratual que exploraremos melhor a seguir, mas a partir da qual podemos dizer que há na narrativa um *destinador* (aquele que destina uma mensagem ou ação a alguém) e um *destinatário* (aquele a quem é endereçado a mensagem ou ação do destinador). Retomaremos também a ideia de que há no esquema narrativo a passagem de um enunciado de estado, no qual o sujeito está em conjunção ou disjunção com o objeto de valor e há um enunciado de fazer, no qual o sujeito quer transformar sua relação conjunta com o objeto. Segundo Barros:

A Semiótica parte dessa visão espetacular da sintaxe e propõe duas concepções complementares de narrativa: narrativa como mudança de estados, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age no e sobre o mundo em busca dos valores investidos nos objetos; narrativa como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário,

de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos. (1999, p. 16)

O trecho acima nos aproxima da complexidade com a qual a semiótica opera em suas análises textuais, apresentando um amplo leque de termos e elementos com os quais temos de nos familiarizar para assim fazer uma leitura semiótica de um texto. O mesmo trecho também nos informa que o nível narrativo apresenta as transformações de estados e ações tanto na relação entre sujeito e objeto como na relação contratual entre destinador e destinatário. Para compreender melhor como isso se desenvolve em uma narrativa, precisamos explorar o programa narrativo canônico, isto é, o programa narrativo clássico, completo.

Há três etapas na organização narrativa: manipulação, ação e sanção. Elas ocorrem na ordem descrita e há uma pressuposição prévia entre elas. Para que haja sanção, precisa ter havido alguma ação. Para que haja uma ação, alguma manipulação ocorreu. Acontece que nem todos os textos apresentam-nos qual manipulação foi realizada, ou talvez nenhuma sanção esteja explícita textualmente. Vamos agora explorar cada etapa do programa narrativo.

A primeira delas, a manipulação, pode ser explicada segundo Fiorin (2016, p. 29) “[...] um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa”. Temos então um destinador que propõe um contrato a um destinatário e que usa uma estratégia para convencê-lo (manipulá-lo) a cumprir esse contrato. Cabe ao destinatário interpretar esse contrato proposto e aceitá-lo ou não, a partir de sua crença nele. Fiorin nos dá, então, o exemplo de um pai que obriga o filho a lavar o carro, manipulando-o através de um dever-fazer. Querer e dever são verbos modais que indicam uma manipulação. No universo da manipulação, há quatro possibilidades com as quais a semiótica opera e cuja descrição e entendimento nos servirão bastante. São elas: *tentação*, *intimidação*, *sedução*, *provocação*. Cada uma delas, como a estratégia da manipulação prevê, nos apresenta diferentes maneiras de contrato entre destinador e destinatário e diferentes formas de manejo dos valores e dos objetos aos sujeitos da narrativa. Essa é uma etapa do programa narrativo de atribuição de competência modal, segundo Barros (1999, p. 28): “Essa fase constitui a manipulação propriamente dita, em que o destinador doa ao destinatário-sujeito os valores modais do *querer-fazer*, do *dever-fazer*, do *saber-fazer* e do *poder-fazer*.”

Na *tentação*, o manipulador irá oferecer algo que ele julga ser um objeto de valor eufórico ao manipulado, na tentativa de fazer com que este então cumpra a ação. Um exemplo

clássico é a relação dos pais com seus filhos: “Se você fizer toda a lição, vai poder jogar videogame a noite inteira.” Trata-se de uma tentação, pois os pais já sabem que videogame é um objeto de valor positivo para os filhos e o oferecem como uma forma de tentá-los para que façam a lição de forma completa. O sujeito filho quererá estar em conjunção com o objeto de valor videogame e, portanto, estará mais propenso a realizar a ação “fazer toda a lição” que os pais querem. Também podemos dizer que neste caso o Destinator (pais) tem um *poder-fazer* o destinatário (filho) *querer-fazer*.

Outra manipulação que também se realiza pelo manejo do objeto de valor é a *intimidação*, mas, ao contrário da tentação, ela apresenta ao manipulado um objeto de valor disfórico com o qual ele quererá evitar a conjunção: “Se você não fizer toda a lição, ficará sem sobremesa por uma semana.” Dessa forma, o Destinator exerce um *poder-fazer* o destinatário *dever-fazer*, pois esse último quer evitar entrar em conjunção com o objeto apresentado (ficar sem sobremesa).

Há ainda dois tipos de manipulações possíveis, mas que não agem sobre o objeto e sim sobre o sujeito manipulado. Trata-se da *sedução*, se forem invocados atributos positivos do manipulado, ou *provocação*, se os atributos forem negativos.

Um exemplo de *sedução* – seguindo os exemplos anteriores, com base em possíveis diálogos entre pais e filhos – seria uma mãe enaltecer uma característica do seu filho para que ele fizesse determinada tarefa: “Como você quer virar um homem grande e forte, vai comer todo o almoço, né?” Fica claro a lógica estabelecida por trás da *sedução*, que é um Destinator *saber-fazer* um destinatário *querer-fazer*.

Quando falamos de *provocação*, o Destinator também tem um *saber-fazer*, mas desta vez modalizando o destinatário para um *dever-fazer*. Traduzimos com o exemplo: “Será que você é inteligente o suficiente para terminar sua lição ainda hoje? Duvido que seja tão esperto assim.” Espera-se que, dessa forma, o sujeito manipulado exerça a ação de realizar a lição de casa e assim prove de que é inteligente.

Com a manipulação estabelecida, isto é, quando o sujeito-destinador propõe um contrato no qual o sujeito-destinatário crê e o aceita – há uma passagem do *fazer-creer* ao *fazer-fazer* – e passamos, então, à ação em si. A ação no programa narrativo é dividida em dois momentos: a competência e a performance. Para pensar na fase da competência, é como se nos perguntássemos se o sujeito que irá realizar a ação sabe ou pode realizar determinada

ação. Como se, ao olharmos o exemplo filho que aceita a manipulação dos pais, nos perguntássemos se ele tem domínio suficiente para fazer a lição ou se ele consegue comer toda a comida. A performance, por sua vez, é a ação por si realizada, é a transformação central da narrativa: “Libertar a princesa presa pelo dragão é a performance de muitos contos de fada. Encontrar o pote de ouro no fim do arco-íris, ou seja, passar de um estado de disjunção com a riqueza para um estado de conjunção com ela pode ser uma performance.” (FIORIN, 2016, p. 31). O primeiro exemplo apresentado por Fiorin, da princesa que está presa e precisa ser liberada, é um clássico dos contos de fada e foi muito explorado por Propp em seus estudos sobre os contos maravilhosos. O que temos em textos é a presença de vários programas narrativos, implicando várias ações que ocorrem ao longo de uma narrativa. Fiorin também nos lembra que o sujeito que manipula e o que é manipulado podem ser os mesmos, bem como o sujeito que realiza a transformação e o que entra em conjunção ou disjunção com o objeto podem ser o mesmo ou não.

O esquema narrativo canônico se encerra com a fase da *sanção*. Nela, o Destinator irá fazer um julgamento a respeito da ação realizada pelo destinatário e avaliar se, de fato, ela foi bem realizada e se o que fora acordado entre eles de fato se concluiu. Após essa primeira fase de reconhecimento, há, enfim, a recompensa à ação e ao cumprimento do contrato, que pode ser negativa ou positiva. No caso da narrativa “Se você fizer toda a lição, vai poder jogar videogame a noite inteira.” uma sanção positiva é a liberação para que o filho jogue videogame a noite toda, ou seja, há uma recompensa por ele ter cumprido o contrato estabelecido e ter realizado a ação de fazer a lição. O oposto seria uma punição, sancionando o filho negativamente e impedindo-o de jogar videogame por não ter realizado a ação de fazer a lição: “A retribuição, como recompensa ou punição, faz parte da estrutura contratual inicial e restabelece o equilíbrio narrativo, pois é o momento de o destinator cumprir as obrigações assumidas com o sujeito, na hora da manipulação.” (BARROS, 1999, p. 35)

1.3.3 O nível discursivo

O nível discursivo, que finaliza o percurso gerativo de sentido, é o nível mais concreto e complexo, como dito anteriormente. Ele é mais concreto por ser o que está mais na superfície, o que mais se aproxima do texto em si. Nele, o esquema narrativo é visto em termos do

ato da produção de um discurso, ou seja, uma enunciação: “Os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da enunciação, que os converte em discurso.” (FIORIN, 2016, p. 57). Nesse nível, a narrativa será organizada em categorias temporais, espaciais e pessoais (no que se refere aos atores da narrativa). Já os valores da narrativa são expressos como percursos temáticos investidos em figuras que aparecem no decorrer do discurso. Os mesmos elementos que foram analisados nos níveis anteriores também serão analisados aqui, mas considerando outros aspectos que não haviam sido levados em conta previamente.

Existem diversas formas de o sujeito enunciador de um discurso apresentar as estruturas narrativas e discursivas de um texto, e os efeitos de sentido vão se dando conforme se dá a enunciação.

Partindo do princípio de que todo discurso procura persuadir seu destinatário de que é verdadeiro (ou falso), os mecanismos discursivos têm, em última análise, por finalidade criar a ilusão de verdade. Há dois efeitos básicos produzidos pelos discursos com a finalidade de convencerem de sua verdade, são o de proximidade ou distanciamento da enunciação e o da realidade ou referente. (BARROS, 1999, p. 55)

Podemos explorar cada um desses arranjos e seus efeitos a partir da maneira como o discurso está projetado. A esse efeito de temporalizar, espacializar e actancializar (revestir de tempo, espaço e atores) a narrativa na projeção do discurso, dá-se o nome de *debreagem*. A *debreagem* espacial, quando falamos do espaço; *debreagem* temporal, quando nos referimos ao tempo; e a *debreagem* actancial, quando nos referimos à pessoa.

Partindo das clássicas análises de notícias de jornais, nas qual o jornalista, em geral, mantém um tom de afastamento e neutralidade da narrativa, trazendo um efeito de distanciamento, Barros (1999) nos dirá que se trata de uma *debreagem enunciativa*. Isso se dá pois, na categoria de pessoa, utiliza-se a terceira pessoa; na categoria de espaço busca-se o *lá, ali*, o que produz um distanciamento com a cena em si; e por fim, a categoria temporal é marcada pelo *então*, usando tempos verbais que nos indiquem um afastamento de quem produz o enunciado da cena narrada em si.

Temos aqui um artifício utilizado pelo enunciador para gerar o efeito de distanciamento, objetividade e neutralidade. O enunciador está afastado temporalmente, espacialmente e pessoalmente da narrativa. Em contrapartida, podemos explorar o caminho contrário a esse na chamada *debreagem enunciativa*. Nela, as categorias de pessoa, tempo e espaço serão revestidas com arranjos que produzam o efeito de proximidade. Uma carta, uma autobiografia, uma

mensagem de amor... são clássicos exemplos nos quais podemos apreender como a organização discursiva traz esse tipo de sentido. Na categoria de pessoa, utiliza-se a primeira pessoa, *eu*, bem como o *tu*, que nos dá a sensação de uma personalidade e proximidade na enunciação. Já quando pensamos na categoria temporal, estamos nos referindo ao *agora* e ao *aqui* (ou *aí*) quando pensamos na categoria espacial.

Fiorin sintetiza a diferença entre as duas debreagens de maneira clara:

As debreagens enunciativa e enunciva produzem dois tipos básicos de discurso: os de primeira e os de terceira pessoa. Essas duas espécies de debreagem produzem, respectivamente, efeitos de sentido de subjetividade e de objetividade, porque, na debreagem enunciativa, o eu coloca-se no interior do discurso, enquanto, na enunciva, ausenta-se dele. (2016, p. 64)

Assim, depreendemos que o discurso mantém constantemente o movimento de aproximação e distanciamento, fazendo com que quem o lê se veja mais próximo ou mais distante do texto.

Há ainda o efeito de *realidade* ou de *referente*, que amplia um pouco mais os manejos possíveis da enunciação. Para Barros (1999, p. 59): "Por efeitos de realidade ou de referente entendem-se as ilusões discursivas de que os fatos contados são 'coisas ocorridas', de que seus seres são 'de carne e osso', de que o discurso, enfim, copia o real.". Um desses processos é o chamado *debreagem interna*, que trata justamente de produzir esse efeito de realidade. Essa debreagem ocorre quando, dentro de um discurso, a palavra é dada a um interlocutor. É comum vermos na literatura e também em notícias, em geral precedido por um travessão ou finalizado com um "disse Fulano". O fato de utilizar-se do recurso do discurso direto, dando a impressão de que foram com aquelas exatas palavras que tal pessoa disse aquilo, nos aproxima mais do efeito de realidade do que se fosse o próprio enunciador dizendo, com as suas palavras, aquilo que o outro disse. Para Fiorin (2016, p. 67), "As debreagens internas são responsáveis pela produção de simulacros de diálogos nos textos, pois estabelecem interlocutores, ao dar voz a atores já inscritos no discurso.". No campo das debreagens, caracterizam-se como *debreagens paralelas* ou *alternadas* quando o discurso alterna entre debreagem enunciativa e enunciva.

Fiorin (2016b) nos apresenta também outro recurso diferente da debreagem, no qual há uma neutralização das categorias de tempo, espaço e pessoa. Trata-se da *embreagem*, que

pressupõe, necessariamente, uma debreagem anterior. No Dicionário de Semiótica, Greimas e Courtés exemplificam o processo de embreagem da seguinte forma:

Quando, por exemplo, o general De Gaulle enuncia: ‘A França é uma terra linda’, opera uma debreagem enunciva que instala no discurso um sujeito distinto e distante em relação à instância da enunciação. Pelo contrário, se a mesma personagem diz: ‘O general De Gaulle pensa que...’, trata-se ainda, formalmente de uma debreagem enunciva, mas que se encontra completada por um conjunto de procedimentos que denominamos embreagem, e que, mesmo implícitos, visam produzir, entre outras coisas, um efeito de identificação entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação. (2016, p. 160)

No exemplo trazido acima, observamos uma embreagem de pessoa no qual partimos de uma debreagem enunciva (um *ele*, a França) para uma outra debreagem enunciva (ainda um *ele*, só que agora De Gaulle). O que acontece é que a coincidência do sujeito do enunciado e sujeito da enunciação produz esse efeito de embreagem. Em outras palavras, há uma neutralização da oposição *eu/ele* na categoria de pessoa. O mesmo pode ocorrer com as categorias de espaço e de tempo, sempre provocando esse efeito de identificação entre enunciado e enunciação.

O nível discursivo conta ainda com um entendimento no campo semântico daquilo que é a concretização das mudanças de estado do nível narrativo, bem como das bases semânticas textuais que apreendemos com o nível fundamental. Pensemos no percurso narrativo e nos valores investidos nos objetos que circulam entre os sujeitos. No processo de discursivização, eles serão revestidos de traços semânticos abstratos que poderão também serem recobertos de traços sensoriais, concretizando-os. Em termos semióticos, a primeira etapa de semantização abstrata recebe o nome de *tema* e seu aspecto concreto e sensorial é chamado de *figura*.

Suponhamos que exista, no nível das estruturas narrativas, um programa narrativo cujo actante objeto esteja investido do valor ‘liberdade’ (valor que está ligado à estrutura modal do poder); estando esse objeto inscrito como objeto disjuncto do sujeito, o valor ‘liberdade’ constituirá a meta do percurso narrativo do sujeito. (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 435)

Os autores retomam o nível narrativo do Percurso Gerativo de Sentido, no qual *liberdade* fora identificada em nível fundamental como a base do texto (em oposição à *opressão*) e continuam:

Sendo assim, a inscrição desse percurso no discurso pode dar lugar, por exemplo, à sua espacialização, e o percurso ‘liberdade’ poderá ser tematizado, com isso, como um percurso ‘evasão’. Entretanto, a evasão continua ainda sendo um percurso abstrato: novos investimentos são suscetíveis de o fi-

gurativizar, representando-o por exemplo, como um embarque para mares distantes. (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 435)

Temos, então, como a *liberdade* aparece tematizada no discurso na forma de *evasão* e, de maneira concreta, na figura de um *embarque* para o mar. Isso nos mostra como na discursivização temos esse procedimento de tematização que poderá, numa etapa seguinte, ser figurativizado. Assim, necessariamente, há uma tematização do nível narrativo, mas não há necessidade de ele ser figurativizado.

Se o tema está num universo abstrato e a figura num universo mais concreto, a oposição entre o tema e a figura, ou entre abstrato e concreto, se dá de forma gradual. O tema é um revestimento semântico que organiza o mundo conceitual, enquanto a figura remete ao mundo natural. Nessas duas possibilidades entre texto temático e/ou texto figurativo, vemos que os efeitos de sentido são distintos:

Já vimos que, dependendo do grau de concretude dos elementos semânticos que revestem os esquemas narrativos, há dois tipos de texto: os figurativos e os temáticos. Os primeiros criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo; os segundos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significativa, estabelecendo relações e dependências. Os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa. Aqueles são feitos para simular o mundo; estes para explicá-los. (FIORIN, 2016, p. 91)

Vejamos a leitura que Barros (1999) faz a partir do poema de Manuel Bandeira, “Porquinho-da-índia” (1961, apud Barros, 1999, p. 70)

Quando eu tinha seis anos

Ganhei um porquinho-da-índia.

Que dor de coração eu tinha

Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!

Levava ele para sala

Para os lugares mais bonitos, mais limpinhos, Ele não se importava:

Queria estar debaixo do fogão

Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

- O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

A autora nos avisa que um único texto pode ter vários percursos temáticos, como no exemplo do poema. Nesse, ela identifica o tema amoroso-sexual, amor não correspondido ou afetos sufocantes e, ainda, “[...] tema das carências infantis e dos cuidados excessivos para com a criança; de tema socioeconômico, das diferenças marcadas pela oposição entre a sala e a cozinha.” (BARROS, 1999, p. 71). Podemos presumir que a figurativização está em: porquinho-da-índia, coração, bichinho, fogão, lugares bonitos e limpinhos, namorada, entre outros.

Chamamos de *isotopia* de um texto a recorrência de figuras no discurso que, por sua vez, referem-se aos temas presentes nele. Podemos ter uma isotopia temática, com a repetição abstrata no campo semântico e a isotopia figurativa, com a repetição dos traços concretos das figuras do texto. A isotopia nos garante a coerência semântica do texto, isso é, a redundância a que nos referimos nos traz a segurança da unidade do texto e possibilidade de leitura. Para Fiorin:

Quando se diz que um texto está aberto para várias leituras, isso significa que ele admite mais de uma e não toda e qualquer leitura. Qual é a diferença? As diversas leituras que o texto aceita já estão nele inscritas como possibilidade. Isso quer dizer que o texto que admite múltiplas interpretações possui indicadores dessa polissemia. Assim, as várias leituras não se fazem a partir do arbítrio do leitor, mas das virtualidades significativas presentes no texto. (2016, p. 122)

Fiorin nos explica, a partir da conhecida fábula de Esopo *A cigarra e a formiga*⁷, que ambas as personagens carregam traços humanos, pois elas conversam, queixam-se de coisas humanas, realizam ações humanas e expressão sentimentos humanos. Esse traço nos faz entender que a cigarra, na isotopia humana, é o homem preguiçoso, enquanto a formiga é o homem trabalhador. Os lexemas que permitem fazer a transposição de uma isotopia animal ou não humana para um isotopia humana são denominados *desencadeadores de isotopia*: “Os lexemas com traço /humano/ são desencadeadores de isotopia, elementos não integrados a uma isotopia inicialmente proposta (no caso, a isotopia não humana), que obrigam a estabelecer um novo plano de leitura.” (FIORIN, 2016, p. 113)

Quando há efeitos de polissemia, isto é, quando há duas possibilidades de leitura de um mesmo termo, trata-se de um *conector de isotopias*: “Chama-se conector de isotopias à

⁷ Trata-se de uma fábula na qual uma cigarra e uma formiga estão conversando após o término do verão. A cigarra vai se queixar com a formiga por não ter alimentos e essa lhe pergunta o que fez durante todo o verão. Ao saber que a cigarra cantou durante o verão, a formiga diz para que ela dance, pois enquanto a cigarra cantava, a formiga estava trabalhando.

unidade do nível discursivo que introduz uma ou várias leituras diferentes (...)” (GREIMAS e COURTES, 2016, p. 86). Esses últimos conceitos aqui apresentados do nível discursivo são, para Fiorin, fundamentais para uma análise semiótica:

O conceito de isotopia é extremamente importante para a análise do discurso, pois permite determinar o(s) plano(s) de leitura dos textos, controlar a interpretação dos textos plurissignificativos e definir os mecanismos de construção de certos tipos de discurso, como, por exemplo, o humorístico. (2016, p. 117)

Encerramos aqui a breve explanação sobre a Semiótica de Greimas, seus conceitos, método e sua função. Há caminhos para aprofundar cada conceito aqui apresentado e sabemos que a semiótica recebeu novas roupagens e leituras, assim como novos conceitos e métodos após Greimas. Para este estudo que busca um diálogo entre os pontos de intersecção entre semiótica e psicanálise, escolhemos ficar com o início de ambas para que possamos compreender as tensões entre as duas disciplinas em suas bases.

Passaremos às discussões psicanalíticas. Iremos com Freud apresentar a noção de inconsciente para depois, com Lacan, articulá-lo com a linguística.

2. ÀS ESCUTAS COM O INCONSCIENTE

O surgimento da psicanálise é também o reconhecimento do inconsciente – pois ele já existia antes da psicanálise, só talvez não com a propriedade que Freud viria a lhe dar – como operador fundamental da vida psíquica humana. Ao longo de seu trabalho como médico e de seus estudos sobre hipnose com Charcot, Freud foi se dando conta do papel fundamental da palavra no tratamento de seus pacientes, naquilo que viria a ter o nome de *talking cure* e, posteriormente, psicanálise. A palavra estaria no cerne do sofrimento psíquico – e corporal – humano e o tratamento também se daria pela atribuição de destinos e significações diferentes às palavras que os sujeitos usavam para contar suas histórias. Como regra fundamental para o processo de cura pela psicanálise, o médico vienense propôs que o paciente falasse tudo o que viesse à cabeça e que dissesse tudo ao analista, mesmo que algo não fizesse sentido algum num primeiro momento. Esta regra, sustentada por psicanalistas até os dias de hoje, é a chamada *associação livre*. Através da fala sem filtros sobre o que se diz, Freud entendia que o inconsciente apareceria de algumas formas particulares (sonhos, chistes, atos falhos, lapsos)⁸ e que por meio dessas vias ao inconsciente podemos encontrar o desejo do sujeito que, por uma espécie de censura, estava ali inacessível a ele. Trataremos então de apreender os principais textos da obra freudiana nos quais ele se debruça sobre o conceito de inconsciente e procuraremos, para os fins deste trabalho, compreender de que maneira a linguagem se articula com isso.

A escolha dos textos freudianos para apreensão da noção de inconsciente se dá por ter sido por meio deles que Freud buscou conceituar e explicar o funcionamento do aparelho psíquico, bem como, também, por serem esses os textos sobre os quais Lacan se debruçou, posteriormente, para fazer sua leitura da estrutura do inconsciente como uma linguagem na obra freudiana. Assim, apresentaremos exemplos de sonhos, chistes e lapsos que poderão nos ajudar a compreender também a leitura lacaniana destes fenômenos.

⁸ Essas formas de manifestações do inconsciente serão mais bem trabalhadas no decorrer desta pesquisa, mas cabe aqui explicar que o chiste são uma espécie de piada, uma tirada espirituosa, algo que provoca riso. Os atos falhos são expressões de algo inesperado do que seria pronunciado, trocando uma palavra por outra. Já os lapsos são esquecimentos repentinos.

2.1 A via régia para conceituar o inconsciente

Para iniciarmos as discussões a respeito do que é o inconsciente na teoria psicanalítica, precisamos retornar ao primeiro momento em que ela tem sua elaboração. Se trata do célebre texto *A Interpretação dos Sonhos* (1900), no qual Freud indica que os sonhos são a via régia para o inconsciente. O caráter enigmático e sem sentido dos sonhos é então apresentado por Freud como um material passível de interpretação e também com um sentido oculto, ainda por ser revelado: "O pressuposto de Freud é que a pessoa que sonha sabe o significado do seu sonho, apenas não sabe que sabe, e isso ocorre porque a censura a impede de saber. A função da interpretação é exatamente a de produzir a inteligibilidade desse sentido oculto." (GARCIA-ROZA, 2009, p. 63). Freud irá apresentar, no decorrer do seu texto e de muitos sonhos com os quais irá trabalhar a partir dos relatos desses sonhos, que até então havia uma preocupação com o conteúdo *manifesto* do sonho, isto é, com aquilo que se apresenta ali em seu texto. A novidade da psicanálise é a busca por um outro dizer ali, algo que estaria oculto no próprio relato, a que chamará de conteúdo *latente*:

Somos os únicos a levar algo mais em conta. Introduzimos uma nova classe de material psíquico entre o conteúdo manifesto dos sonhos e as conclusões de nossa investigação: a saber, seu conteúdo latente, ou (como dizemos) os "pensamentos do sonho", obtidos por meio de nosso método. É desses pensamentos do sonho, e não do conteúdo manifesto de um sonho, que depreendemos seu sentido. Estamos, portanto, diante de uma nova tarefa que não tinha existência prévia, ou seja, a tarefa de investigar as relações entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, e de desvendar os processos pelos quais estes últimos se transformaram naquele. (FREUD, 1969, pp. 188-189)

Arrivé (1986) nos aponta que nesse momento já podemos depreender na teoria freudiana de que haveria um tratamento do símbolo, visto que o próprio autor de *A Interpretação dos Sonhos* fala em diversos capítulos de seu estudo sobre *símbolo* ou *simbolismo* ao se referir ao sonho. Arrivé ainda aponta que: "[...] Freud esteve tentado – sim, vou dizê-lo – por uma semiotização do inconsciente, uma construção do inconsciente ao modo do símbolo." (ARRIVÉ, 1986, p. 43). Com o uso desse *estive tentado* que Arrivé faz, podemos depreender que Freud não chegou a fazer assim, pois uma ideia mais apurada sobre o inconsciente ao modo do símbolo⁹ pode ser vista nas obras de Carl Jung, por exemplo. Essa leitura de símbolo na

⁹ Para Arrivé (1986, p. 32) trata-se de símbolos oníricos, capazes de serem semioticamente descritos, como uma unidade de duas faces.

obra de Freud se dá por esse conteúdo manifesto e conteúdo latente, que indica duas faces de um mesmo conteúdo. Com a leitura do texto, Freud nos apresenta que há uma deformação na passagem de um conteúdo a outro como forma de driblar a censura, e que seria função da interpretação *desvendar os processos pelos quais estes últimos se transformam naquele*. E é assim que Freud faz ao longo de suas análises, não buscando o que os símbolos representam, mas como se dava o processo de transformação. Cabe apontar que a análise do sonho, isto é, sua interpretação, se dará pelo relato do sonho feito pelo sonhador e não pelas imagens do sonho, portanto é no nível da linguagem que se dá tal interpretação. O inconsciente, desse modo, se apresenta justamente nesse relato carregado de transformações, não se referindo a um ocultismo ou a uma esfera profunda do aparelho psíquico. O inconsciente está na linguagem, na singularidade da linguagem de cada sujeito.

Tais processos ele irá desenvolver com maior propriedade a partir do capítulo VI em *O Trabalho do Sonho*. Nesse capítulo, Freud irá nos mostrar que o trabalho do sonho é justamente esse de transformar o pensamento onírico (conteúdo latente) e apresentá-lo de forma invertida no conteúdo manifesto. Essa inversão ocorre por conta da censura, que busca impedir que determinados pensamentos se tornem conscientes.

É importante falarmos da censura, pois ela é fundamental para entendermos qual é a mensagem invertida que se estabelece e quais são os mecanismos que, para Freud, fazem com que isso ocorra. Para o autor, as partes do sonho com as quais nos estranhamos são resultado de uma censura, isto é, um impedimento que o pensamento onírico chegue na consciência como tal, fazendo com que haja uma transformação nesses pensamentos para que cheguem de outra forma no conteúdo manifesto do sonho. Segundo Freud,

Os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou, mais apropriadamente, o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. (1969, p. 189)

Quando falamos dessa tradução, de uma passagem do que é pensamento onírico ao que é conteúdo manifesto, Freud aponta que se trata *do mesmo assunto em duas linguagens diferentes*, donde podemos depreender que diferentes símbolos podem significar a mesma coisa, o que também implica que a união entre o símbolo e a coisa não é uma construção direta. Assim, para compreendermos os símbolos oníricos, recorreremos ao método de *interpreta-*

ção tal qual ele aqui já aponta como a descoberta de caracteres e leis sintáticas que fazem a transcrição do pensamento onírico em conteúdo manifesto. Para nos ajudar nesse processo, Freud descobre e destaca alguns mecanismos que ocorrem nesse trabalho do sonho.

O primeiro deles, a ser mencionado no capítulo VI da *Interpretação dos Sonhos*, é a condensação. Freud parte do princípio de que se fossemos escrever um sonho, este caberia em menos de uma página o que o leva a crer que os pensamentos oníricos não são totalmente expressos no sonho:

Ao refletimos que somente uma pequena minoria de todos os pensamentos oníricos revelados é reproduzida no sonho por um de seus elementos de representação, poderíamos concluir que a condensação se apresenta por omissão: quer dizer, que o sonho não é uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho, mas uma versão altamente incompleta e fragmentária deles. (1969, p. 191)

Freud analisa, nesse mesmo capítulo, o “Sonho da Monografia de Botânica”, no qual ele sonha ter escrito uma monografia sobre um gênero não especificado de plantas. Para interpretar este sonho, o autor buscará fora do texto do sonho associações com lembranças de eventos anteriores ao sonho. Assim, *monografia e botânica* se ligam a diversas pessoas e fatos que, de forma condensada, aparecem nessas palavras no conteúdo manifesto do sonho. Para Garcia-Roza:

A *condensação (Verdichtung)* diz respeito ao fato de o conteúdo manifesto do sonho ser menor do que o conteúdo latente, isto é, de o conteúdo manifesto ser uma “tradução abreviada” do latente. O inverso não se dá nunca; jamais o conteúdo manifesto pode ser maior do que o latente. A condensação pode operar de três maneiras: primeiro, omitindo determinados elementos do conteúdo latente; segundo, permitindo que apenas um fragmento de alguns complexos do sonho latente apareça no sonho manifesto; terceiro, combinando vários elementos do conteúdo latente que possuem algo em comum num único elemento do conteúdo manifesto. (2009, p. 67)

Outro mecanismo que Freud apontará nesse processo é o *deslocamento*, que pode ser observado quando a importância de um elemento no sonho é transferida para outros elementos aparentemente sem importância: “Via-se que os elementos que se destacam como os principais componentes do conteúdo manifesto do sonho estão longe de desempenhar o mesmo papel nos pensamentos do sonho.” (1969, p. 207) Ele aponta que esse é justamente o efeito da censura, pois um conteúdo latente muito importante não pode aparecer como tal “e podem ser tratados como se tivessem um valor reduzido e seu lugar pode ser tomado, no sonho, por outros elementos sobre cujo pequeno valor nos pensamentos do sonho não há nenhuma dúvida.”

(1969, p. 208). O *deslocamento* e a *condensação* figuram como as duas principais atividades oníricas que possibilitam ao conteúdo manifesto ser como é, e ser relatado por aquele que sonhou.

Assim, o método de interpretação do sonho, isto é, uma forma de termos acesso ao que é do inconsciente do sujeito, não pode ser dado pelo texto do sonho em si, mas como podemos traduzir o que e de que forma esses símbolos oníricos estão se expressando nesse texto. Isso se dá por uma série de conteúdos latentes que precisam se organizar e se transformar para que possam ser expressos como conteúdo manifesto, o que já chamamos de elaboração onírica. No caminho inverso dessa elaboração, a interpretação vem procurar associações no conteúdo manifesto que possam dar pistas do que é latente. O que se coloca nessa interpretação é como realizar esse caminho de volta, com quais outros elementos o sujeito irá associar o que foi expresso no sonho para que busque um significado para aquilo. Assim, o sentido do sonho tende a não se esgotar, visto que tais associações são múltiplas e variáveis.

No capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1969 [1900]) irá apresentar pela primeira vez aquilo que denominou-se a Primeira Tópica do aparelho psíquico, que ele diz ser composta por três sistemas: *Inconsciente*, *Pré-Consciente* e *Consciente*. Aqui pela primeira vez o termo inconsciente é utilizado como substantivo (*das Unbewusste*) para nomear esse sistema do aparelho psíquico a partir do qual podemos localizar os impulsos para a formação do sonho (conteúdo latente), que só pode ser notado pela consciência (conteúdo manifesto) passando pelo sistema *pré-consciente*: "Descreveremos o sistema que está por trás dele como "o inconsciente", pois este não tem acesso à consciência senão através do pré-consciente, ao passar pelo qual seu processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações." (FREUD, 1969, p. 135)

A noção do que é o inconsciente irá percorrer quase toda a obra de Freud e em 1917 ele publica um texto denominado *O Inconsciente*, no qual apresenta uma metáfora para explicar melhor como podemos apreender seu mecanismo. Ele coloca o sistema inconsciente com

uma metáfora de uma antecâmara na qual os impulsos psíquicos [pulsão]¹⁰ pululariam insanas para sair deste lugar e ir a um cômodo ao lado. Apesar de colocar como impulsos [pulsão] neste texto, sabemos que ele trará que a pulsão em si não se encontra especificamente no inconsciente e tampouco no consciente. Segundo Freud,

De fato, creio que a oposição de consciente e inconsciente não se aplica aos instintos [pulsões]. Um instinto [pulsão] não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa. Mas também no inconsciente ele não pode ser representado senão pela ideia. Se o instinto não se prendesse a uma ideia ou não aparecesse como um estado afetivo, nada poderíamos saber sobre ele. [...] Só podemos estar nos referindo a um impulso [pulsão] cujo representando ideativo é inconsciente, pois outra coisa não poderia entrar em consideração. (2010, p. 114-115)

Aqui podemos depreender que a pulsão se liga a uma ideia ou a um afeto e que só pode ser representada por elas. Também decorre daí que sem a linguagem, sem a fala, o homem não poderia dar vazão ao que se passa consigo. Continuando com a metáfora, entre a antecâmara e o cômodo, haveria um guarda que escolheria quais poderiam entrar ou não no cômodo e, por vezes, retiraria aquelas que, de alguma forma, o driblaram. O guarda é a censura e Freud diferencia sua atividade: “Os senhores veem de imediato que a diferença é pequena entre o guarda rechaçar um impulso ainda diante da porta ou expulsá-lo da sala, depois de ter entrado.” (FREUD, 2014 [1917], p. 393). Ele ainda diz que a consciência nada sabe dos impulsos que estão na antecâmara, mas que assim que chegam à porta e o guarda não permite que passem, tais impulsos são *reprimidos*. Aquelas que conseguem transgredir e passar despercebidas pelo guarda e alcançam o cômodo ainda não se tornam conscientes. Em um primeiro tempo, elas chegam ao chamado sistema *pré-consciente*.

O escritor tem de estar precavido contra a censura e, por causa dela, precisa atenuar e distorcer a expressão de sua opinião. Conforme o rigor e a sensibilidade da censura, ele se vê compelido a simplesmente abster-se de certas formas de ataque ou a falar por meio de alusões em vez de referências diretas, ou tem que ocultar seu pronunciamento objetável sob algum disfarce aparentemente inocente [...] Quanto mais rigorosa a censura, mais amplo será o disfarce e mais engenhoso também será o meio empregado para pôr o leitor no rastro do verdadeiro sentido. (FREUD, 1969, p. 105)

¹⁰ Utilizaremos neste trabalho o termo *pulsão* como tradução de *Trieb*, termo empregado por Freud. Algumas traduções optam pelo termo *instinto*, dando um caráter mais biológico, animalesco ao termo. Embora a *pulsão* tenha relação com as nossas mucosas (boca, ânus, órgãos sexuais, entre outros) como fonte de origem, o destino dado a ela é sempre a um objeto que nunca é encontrado – pois estaria sempre perdido. Como não é da ordem apenas de uma necessidade, isto é, as pulsões orais não se limitam à alimentação ou à sede, entendemos que há como meta uma satisfação (sexual) implicada nisso e que o sujeito precisa da cultura para dar algum contorno a essa necessidade. Como não é da ordem do animalesco, biológico, o termo *pulsão* se apresenta como melhor tradução e será utilizado em toda essa pesquisa.

Ele ainda nos aponta a “consciência como espectadora no fundo do segundo aposento” (FREUD, 2014 [1917], p. 394), sendo que o impulso só é, de fato, observado pela consciência quando, após sair da antecâmara, chega ao novo cômodo e passa a se associar com as palavras por já conhecidas e usadas pelo sujeito no dia a dia. O impulso inconsciente precisa se disfarçar para que o guarda não o perceba e também se transformar para que a consciência o note. Foram esses processos que Freud notou nos sonhos:

Os resíduos diurnos, em que reconhecemos os instigadores do sonho, são material pré-consciente que, no sono noturno, sofreu a influência de desejos inconscientes e reprimidos, em conjunto com os quais e graças a cuja energia logrou formar o sonho latente. Sob o domínio do sistema inconsciente, esse material foi elaborado - mediante condensação e deslocamento - de uma forma desconhecida ou apenas excepcionalmente admissível na vida psíquica normal, isto é, no sistema pré-consciente. (FREUD, 2014 [1917], p. 395)

Temos, com essa metáfora, algumas considerações importantes para caracterizar o inconsciente e prosseguir em nossa caminhada na elaboração de como Freud o concebeu. Primeiro temos que o inconsciente é formado por representantes das pulsões que buscam encontrar um objeto e se satisfazer. Como o objeto é sempre perdido, a pulsão o ‘cria’ e retorna para o sujeito. Estes representantes das pulsões para saírem do inconsciente precisam passar por uma censura – o guarda. Freud aponta que, nesse processo, há dois passos fundamentais: uma elaboração (sob forma de condensação e deslocamento) e uma associação aos resíduos diurnos (palavras e ideias que são usadas na vida psíquica normal). É assim que aquilo que estava inconsciente passa pela censura e é então notado e dito. Aqui podemos ver que Freud trabalha com a tríade *inconsciente*, *pré-consciente* e *consciente* para descrever o aparelho e funcionamento psíquico.

Uma segunda metáfora nos ajuda a desenhar melhor a noção de inconsciente para Freud:

A fim de ilustrar esse destino, suponhamos que todo processo psíquico – mais adiante, será necessário admitir aqui uma exceção – exista primeiramente em um estágio ou fase inconsciente e que apenas a partir desta se transforme em consciente, assim como uma fotografia é, de início, um negativo que, depois, mediante sua transformação em positivo, resulta em uma imagem. Nem todo negativo, porém, precisa transformar-se em positivo, assim como tampouco é necessário que todo processo psíquico inconsciente se converta em consciente. (FREUD, 2014 [1917], p. 392)

Nesse ponto, ele, mais uma vez, aponta a dinâmica inconsciente / consciente, deixando claro que nem tudo o que é inconsciente torna-se consciente e nem todas as "revelações" são

bem sucedidas. Mas nota-se que a passagem de um negativo para um positivo entrega que a condição de algo positivo na consciência é o negativado no inconsciente e que também o inconsciente não se revela como é, passa por um processo de transformação em que alguns traços desse negativo são positivados na imagem consciente.

Pode-se abordar a questão do inconsciente para Freud por diversos caminhos. Aqui, seremos fiéis a nossa busca no que tange ao caráter linguageiro do inconsciente, isto é, buscaremos em quais pontos Freud constrói a noção de inconsciente pela via das palavras, da linguagem e do signo. Estes caminhos são os mesmos já abordados por Lacan em seus estudos sobre Freud.

O que Freud fez? Escutou. Escutou as palavras dos sujeitos de sua época e buscou nelas seus avessos. Os símbolos, o que essas palavras representavam, não era algo de um sentido já estabelecido a priori. Os sonhos e seus símbolos, a princípio sem sentido, fizeram com que o psicanalista tivesse que buscar, por meio de associação (simbólica) livre, quais sentidos poderiam estar ali.

Em alguns textos, Freud aborda a noção de recalque e de repressão para dar uma noção melhor do funcionamento da censura com o inconsciente. No texto *A Repressão* (1915), ele nos explica que o recalque/repressão ocorre se o desprazer tem um poder maior que o prazer da satisfação, uma vez que a pulsão busca sempre a satisfação. Logo, "[...] sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência." (FREUD, 2010 [1915], p. 85). Assim, o recalque é uma força que impede que os representantes das pulsões inconscientes obtenham prazer, satisfação, que venham à consciência.

Haveria, segundo ele, um recalque primordial, que funda e sustenta todo o funcionamento do inconsciente: "[...] uma primeira fase da repressão, que consiste no fato de ser negado, à representante psíquica do instinto [pulsão], o acesso ao consciente." (FREUD, 2020 [1915], p. 85-86). Ora, o inconsciente é uma instância psíquica, uma espécie de antecâmara onde ideias e desejos que existem são, em geral, insuportáveis para a consciência e, por isso, são rejeitadas, mantendo-se inconscientes. Essas ideias servem às pulsões que buscam atingir sua meta de satisfação.

Assim, o desejo, a ideia, é separada daquilo que a representa e é exatamente isso que a representa que tomará outra forma e se apresentará à consciência. Trata-se, em alemão, de *Vorstellungrepräsentanz*, que é justamente aquilo que Arrivé (1994) em seus estudos aponta

como sendo o símbolo para Freud, pois tal fenômeno são as representações das ideias que as pulsões carregam para consumir sua meta que é a satisfação, sendo o calcário do inconsciente. Sua representação é impossível de chegar ao consciente – apenas com traços distorcidos, a representante dessa representação, em mensagem invertida, como Freud nos apresenta em seus estudos sobre os sonhos, os chistes, atos falhos, entre outros. Para Garcia-Rosa (2009, pp. 177-178), “O inconsciente é constituído apenas por representações de coisas, ficando as representações de palavras e o afeto restritos ao sistema pré-consciente-consciente.”

A segunda fase da repressão seria a partir do movimento do inconsciente de tentar trazer à luz da consciência esses traços por meios de sua representante psíquica, derivações. Assim, sustenta-se que há uma censura que reprime mais uma vez a tentativa do inconsciente de se fazer ouvido:

[...] a repressão não impede a representante do instinto [pulsão] de prosseguir existindo no inconsciente, de continuar se organizando, formando derivados e estabelecendo conexões. Na realidade, a repressão perturba apenas a relação com um sistema psíquico, o do consciente. (FREUD, 2010 [1915], p. 87)

Pois assim Freud propõe que exerçamos a psicanálise no caminho do sujeito ali falante, por meio de associação livre, para que possa produzir essas derivações do inconsciente que chegam com distância e distorção ao consciente. Se trata, assim, de um duplo exercício de símbolo: i) na fala do paciente já contém um trabalho das pulsões inconscientes serem apresentadas com os representantes de suas ideias de formas distorcidas; e ii) há o deciframento desses símbolos para que o paciente possa então saber do seu inconsciente. Uma ideia chega à consciência por processo de condensação ou deslocamento.

Para compreender melhor esses símbolos tal qual Freud os descreveu no trabalho da elaboração onírica, bem como o processo de decifrar o relato (texto) do paciente com o método da interpretação psicanálise, recorreremos ao célebre texto de Freud *O Chiste e suas relações com o Inconsciente* (1905), tal qual Lacan fez em seu quinto seminário *As formações do Inconsciente* (1953). Para isso, teremos como base uma provocação de Freud, que tentaremos responder e melhor entender as formações do inconsciente: “De que forma podemos chegar ao conhecimento do inconsciente? É claro que o conhecemos apenas enquanto consciente, depois que experimentou uma transposição ou tradução em algo consciente.” (FREUD, 2010 [1915], p. 100-101).

2.2 Chistes e o Jogo de Palavras

Também a psicanálise nos coloca, desde o início, no registro da linguagem: é o estudo do ato falhado e do lapso, já presente no primeiro texto teórico de Freud (*A interpretação das afasias*, 1891), assim como o estudo dos sonhos, que pretendem fazer passar uma fala que foi interdita (*A interpretação do sonho*, 1900), ou ainda o estudo das parapraxias e dos chistes (*Psicopatologia da vida cotidiana*, 1901). Freud se move, desde o começo de sua produção teórica, no âmbito da linguagem e nele permanece até o final de sua obra. (GARCIA-ROZA, 2008b, p. 194)

O *Witz*, como é escrito em alemão aquilo que em português recebeu os nomes de *chiste* ou *tirada espirituosa* apresenta, para a teoria psicanalítica, importantes considerações para o funcionamento psíquico como a obtenção de prazer e o provocar riso:

Para Freud, a técnica e o propósito dos chistes seriam, no fundo, as suas duas fontes de prazer. O importante, todavia, seria descrever o modo pelo qual o prazer procede de tais fontes, ressaltando o mecanismo do efeito de prazer nos chistes. (FERNANDES, 2008, p. 75).

Embora esse aspecto seja de suma importância para a teoria, ficaremos com o que Garcia-Roza nos apontou da relação do chiste com a linguagem, que percorrerá a obra freudiana e será de interesse de Jacques Lacan para a retomada dos estudos de Freud e também para a construção do *inconsciente estruturado como uma linguagem*. Aqui cabe essa leitura de *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905) a partir de como ele se relacionará com os mecanismos de linguagem tal que já previamente vimos no trabalho com os sonhos.

Freud constrói a relação do chiste com a palavra, que ele denominará como jogo de palavras: “Para nós, também no jogo de palavras a palavra é apenas uma imagem sonora à qual se liga este ou aquele sentido.” (2017 [1905], p. 69). Em seu longo trabalho no estudo do chiste, que o diferenciara do humor e do cômico, ele nos apontará algumas particularidades do chiste, bem como tentará categorizar os tipos de chistes – e, ampliando suas categorias, verá que os exemplos e as variantes são maiores que sua categorização. Uma das particularidades do chiste é seu caráter social na medida em que “Cada chiste demanda assim seu próprio público, e rir dos mesmos chistes é uma prova de grande compatibilidade psíquica.” (2017 [1905], p. 215) Tal compatibilidade psíquica se dá ao fato de o chiste, como veremos a seguir, ser uma forma de escapar da censura e, pelo próprio mecanismo da linguagem, poder dizer

algo que estava recalçado. Quando apresento um chiste e o outro ri, há de certa forma um reconhecimento deste processo: “[...] são chistes tanto melhores porque, graças à sua fachada, conseguem esconder não apenas o que têm a dizer, mas também que têm algo – proibido – a dizer.” (2017 [1905], p. 152).

Para analisarmos o que há de específico da linguagem no chiste, utilizaremos um exemplo presente nesse texto de 1905 e que é retomado por Lacan em 1953 para seu estudo do inconsciente estruturado como uma linguagem. Trata-se do famoso chiste do *famillionário* no qual poderemos acompanhar a evolução do pensamento freudiano no que diz respeito à *condensação* e ao *deslocamento* que ele já havia apresentado em seu trabalho sobre a interpretação dos sonhos.

Freud nos apresenta uma passagem do livro *Quadros de viagem* (1830) do poeta romântico alemão Heinrich Heine (1797 - 1856), no qual ele apresenta o personagem Hirsch-Hyacinth,

[...] agente de loteria e pedicuro de Hamburgo, que se gaba ao poeta de suas relações com o rico barão de Rothschild e, por fim, diz: ‘E, tão certo como Deus me dará tudo de bom, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um semelhante, de modo bem famillionário.’ (2017 [1905], p. 27)

É sobre esse *famillionário* que Freud se debruçará para nos mostrar como opera o chiste e que relação ele tem com a estrutura da linguagem. No chiste, fica claro que a expressão que Hyacinth queria usar é *familiar*, mas também queria dizer outra coisa: *milionário*. Freud traduz o pensamento por trás do chiste da seguinte forma: “R. me tratou de um modo bem familiar, isto é, até onde um milionário é capaz de fazê-lo.” (2017 [1905], p. 31). O que ocorre então é que a condensação atua sobre as duas sentenças, sendo a segunda parte dela incapaz de vir à tona por conta do seu conteúdo, que é censurado. Podemos compreender como se deu esse jogo de palavras:

FAMILI	AR	[FAMILI ÄR]
MILION	ÁRIO	[MILIONÄR]

FAMILIONÁRIO¹¹ [FAMILIONÄR]

¹¹ Aqui é uma reprodução de como Freud apresenta uma tentativa de ilustrar graficamente (FREUD, 2017 [1905], p. 30-31) da "mistura dos dois componentes, 'familiar' e 'milionário'. Na tradução da Companhia das Letras, que foi utilizada para este trabalho, eles optaram por apresentar a versão em português e em alemão.

Para Garcia-Roza (2008b, p. 94): “'Famillionário' é uma evidente condensação de 'familiar' e 'milionário', condensação que possibilita contudo o deslizamento do sentido e seu surgimento no lugar onde era esperada a palavra 'familiar'. “ . Isso ocorre justamente naquilo que Freud nos apresenta como uma força de compressão, ou seja, a ideia de *até onde um milionário é capaz de fazê-lo* não pode aparecer em seu texto por conta da censura, mas algo disso escapa: *milionário*. Esse deslizamento de sentido que observamos no neologismo *famillionário* nos aponta um algo a mais que é dito. Por meio da *condensação com formação substitutiva*¹², tal qual ele nos apresenta como a técnica desse chiste, a semelhança das sílabas presentes nas duas palavras (*mili* e *ar*) permite que o *milionário* se funda com *familiar*. Possivelmente isso causa um estranhamento, pois o que se esperava era somente a palavra familiar. Mas o fato de outra palavra aparecer ali nos faz questionar qual de fato era o sentido que estava por trás daquilo que estava sendo dito e, então, rir. O riso denota o entendimento do que escapou da censura. Isso nos ajuda a responder à questão que ele nos faz: “Em que medida pode um processo de condensação linguística com formação substitutiva, através de uma palavra composta, fornecer-nos prazer e levar ao riso?” (2017 [1905], p. 32).

Não cabe aqui destrinchar essas questões relativas ao prazer e à economia do inconsciente, mas sim ao que há de linguístico nele, tal como Freud se indaga. Ele continua em seu texto, procurando diferentes formações chistosas e se indagando sobre como elas são formadas, como no exemplo “viajei *tête-à-bête* com ele” donde podemos compreender, com Freud, de que o sujeito viajou *tête-à-tête* com alguém e esse alguém é uma besta (*bête*). O chiste se dá nessa troca do *t* pelo *b*, retornando a *besta* que não poderia aparecer ali. Esse processo ele denominará como *condensação com ligeira modificação*, mas o que nos interessa para o presente trabalho é essa atenção que Freud dá para o processo psíquico que ocorre tanto nestes casos como nos sonhos:

Os interessantes processos de condensação com formação substitutiva, que reconhecemos como o núcleo da técnica do chiste verbal, nos conduziram à formação dos sonhos, em cujo mecanismo se revelam os mesmos processos psíquicos. (2017 [1905], p. 127)

¹² Freud chama formação substitutiva essa técnica do chiste por ser a formação de uma *palavra composta* (FREUD, 2017 [1905], p. 32) que, a meu entender, deu esse nome por ela ser composta por duas palavras.

No decorrer de sua obra, ele nos apresenta diversos chistes e sua interpretação deles, bem como elenca categorias às quais atribui esses chistes (2017 [1905], pp. 62-63), mas o que se mantém nessas diferentes categorias é a relação que se estabelece com a linguagem.

Pode-se tomar o mesmo material linguístico e apenas modificar algo no modo como está disposto. Quanto menor a modificação, quanto mais rapidamente se tem a impressão de que um sentido diferente está sendo veiculado com as mesmas palavras, melhor será o chiste do ponto de vista técnico. (2017 [1905], p. 50)

Ora, quando se trata de modificação numa palavra para que algo do inconsciente apareça, quanto menor a modificação, mais facilmente ela passará pela censura e poderá se apresentar no sistema consciente. Mas nem sempre os casos são dessa ordem. Às vezes as palavras podem não ter modificação e apresentar um outro sentido, por carregarem em si um duplo sentido como no exemplo “ ‘*Le roi n’est pas sujet*’ [O rei não é sujeito]. *Sujet* também significa súdito.” (2017 [1905], p. 57). Outro conhecido exemplo apresentado por Freud e que será retomado por Lacan décadas depois é sobre o *bezerro de ouro*:

Conta-se de Heine que certa noite, num salão parisiense, ele teria se encontrado e conversava com o escritor Soulié. Nesse meio-tempo, adentra o salão um desses reis do dinheiro parisienses, que se costuma comparar a Midas não só pelo dinheiro, e logo se vê cercado por uma multidão a reverenciá-lo. ‘Veja só’, diz Soulié a Heine, ‘como o século XIX cultua o bezerro de ouro’. Olhando para o objeto da reverência, Heine responde, como que corrigindo-o: ‘Ah, mas esse deve ser mais velho’. (2017 [1905], p.70-71)

O que ocorre nesse chiste, Freud denominará primeiro como desvio e finalmente como *deslocamento*, propondo uma outra técnica diferente daquele primeiro que trabalhamos. A resposta esperada de Heine à Soulié seria alguma frase concordando com o que Soulié estava dizendo, isto é, o culto ao bezerro de ouro, aos aristocratas, àqueles que possuem bastante dinheiro e por isso são idolatrados. Neste caso, aponta Freud, a ênfase dada por Soulié está em *ouro* como representante da riqueza. Mas a resposta de Heine não se refere a isso e sim a uma aposta no duplo sentido da expressão bezerro de ouro. Heine não responde ao que Soulié aponta: “[...] ele se serve do duplo sentido contido na expressão ‘bezerro de ouro’ para abrir um caminho paralelo [...]” (2017 [1905], p. 75), colocando ênfase no bezerro, se referindo à idade do rei como mais velho que um bezerro (filhote de boi).

Entende-se, assim, que esse mecanismo de deslocamento aponta para um curso diferente do que era esperado, desviando o pensamento do curso inicial. O chiste ocorre porque a expressão *bezerro de ouro* tomou outro sentido com a fala de Heine, sem que ele tenha que

explicar tal sentido. Assim, pode-se falar de uma característica do rei de uma maneira indireta, despercebida pela censura.

Tanto os exemplos de chiste quanto os exemplos dos sonhos nos ajudam a apreender que o inconsciente como Freud postula não é uma substância psíquica, nem tampouco algo profundo e oculto do sujeito. Ele tem sua forma de expressão na linguagem, na fala de uma maneira particular com a qual temos de interpretar para apreender o que está ali. “O que define, portanto, o inconsciente não são os seus conteúdos, mas o modo segundo o qual ele opera, impondo a esses conteúdos uma determinada forma.” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 175). O modo como ele opera é, desde Freud, pela linguagem, embora seja com Lacan que isso tome uma importância central na psicanálise com a dimensão de significante e significado que iremos discutir posteriormente neste trabalho. Mas em 1905 Freud já nos atenta para essa escuta psicanalítica das palavras dos pacientes:

Em um grupo desses chistes (os jogos de palavras) a técnica consistia em dirigir nossa atenção psíquica à sonoridade em vez de o significado das palavras, deixando a própria representação verbal (acústica) tomar o lugar do seu significado, dando por essas relações com as representações das coisas. [...] esse tipo de representação da sonoridade verbal vem do primeiro plano, deixando para trás o significado da palavra. (FREUD, 2017 [1905], p. 171)

Nessa seara das representações psíquicas que dão acesso ao inconsciente, é mister o apontar já com os exemplos supracitados que a relação que cada sujeito estabelece com a linguagem, com o que é verbal e acústico no campo das palavras, é que poderá trazer significação. No caso do *famillionário*, não há significado prévio a este neologismo e claramente só podemos compreender sua significação a partir da articulação com familiar e milionário dentro daquele contexto em que o chiste opera. O mesmo pode ser observado em *bezerro de ouro*, no qual não podemos tomar qualquer uma dessas palavras em sua pura relação com o significado e sim a partir de como este se articula com algo que o sujeito queira dizer e, por censura, não pode.

É com Lacan que essas relações linguageiras que Freud havia explorado ganha consistência, a partir da interlocução que o psicanalista francês encontrará nos linguistas: principalmente Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson. Os primeiros anos de seu ensino, os chamados Seminários, são conhecidos como uma fase de “retorno à Freud”, no qual Lacan estará preocupado em retomar os principais conceitos de Freud a partir de uma leitura própria e singular que visa re-lançar a psicanálise no centro dela mesma, pois havia forte movimentação

de encaminhar a psicanálise para outros fins. Nesse início, Lacan recorre aos linguistas e a vários outros teóricos, como seguirá mantendo em seu estilo até o fim de seu ensino, e é com eles que desenvolve a noção que iremos explorar melhor no próximo tópico: o inconsciente estruturado como linguagem.

2.3 Nas cadeias significantes

Escrever sobre Jacques Lacan não é uma tarefa fácil. Ela é, antes, em si, desafiadora. O estilo do psicanalista francês – que, segundo colegas do curso de mestrado, causa um efeito similar ao lermos Claude Zilberbeg – é de difícil compreensão num primeiro momento. O autor nos promete explicar um assunto em um dado momento e, no instante seguinte, começa outro tema. Por vezes, lemos compreendendo um conceito de uma forma e terminamos sem compreendê-lo. Por fim, ficamos com algo da leitura, mas poucas definições precisas, o que, no fim, nos faz sempre revisitá-lo. A obra de Lacan parece uma infundável associação livre e daí podemos retirar um certo deleite de leitura, embora também uma grande dificuldade de organizar seu pensamento. Por sorte temos o trabalho de vários comentadores das obras que nos auxiliam a ter uma leitura mais esclarecida e também a organizar o pensamento do autor. Dito isso, iremos explorar alguns dos principais tópicos do início da teoria lacaniana que dizem respeito à tese do inconsciente estruturado como uma linguagem. Serão eles: a relação do sujeito com o campo do Outro, isto é, a linguagem; a noção de significante desenvolvida pelo psicanalista; a construção do chamado grafo do desejo – não necessariamente nessa ordem, tampouco com uma clara divisão entre os temas, por acompanhar o estilo não linear do pensamento lacaniano e da organização de suas ideias. Com isso, pretendemos estabelecer os avanços que Lacan traz ao conceito de Inconsciente cunhado por Freud já na sua relação intrínseca com a linguística.

A concepção de sujeito para Jacques Lacan passa pela linguagem. O infans – que é como ele descreve esse primeiro momento do humano, no qual somos apenas um pedaço de carne – não nomeia o mundo por si só, reconhecendo sentidos preexistentes. Pelo contrário, ele receberá a significação de alguns outros – neste primeiro momento, a mãe¹³ – que o fará

¹³ Escrevemos a mãe para facilitar a leitura, mas se trata de qualquer um que faça a função materna, função de cuidado e continuidade da vida do bebê nesses primeiros momentos de vida.

entrar na linguagem, isto é, usar do recurso simbólico para dizer e produzir sentido. Essa postura epistemológica nos é clara desde Freud, quando, já em *A Interpretação dos sonhos*, não sugere sentidos pré-fixados aos elementos presentes no sonho, mas sim sua significação no decorrer do contar o sonho, nas associações livres. Assim também é com Saussure e a Semiótica, como vimos. Para Cabas, podemos entender a relação das palavras na associação livre da seguinte forma:

Consiste numa tentativa de pôr em palavras o inefável: os afetos, as sensações, em resumo, as relações. Notemos que quando um sujeito tenta verbalizar esses afetos, não lhe cabe outro recurso que o metonímico, isto é, uma tentativa de recorrer palavra por palavra em seu vocabulário, tentando transmitir a sensação, sem chegar por isso a sentir que a esgota. (1982, p. 63)

O autor nos põe de frente com uma questão fundamental para a psicanálise: a associação livre. O método analítico desenvolvido por Freud ganha uma roupagem linguística com Lacan. Nesse parágrafo, ao nos explicar que o sujeito irá recorrer o tempo todo às palavras para tentar traduzir seus afetos, ele nos dá a dimensão do peso que as palavras têm na comunicação humana, bem como na constituição do sujeito e suas relações. A palavra, desde o nascimento de um bebê, até sua *entrada na linguagem*¹⁴ e ao longo de todo seu percurso na vida, servirá ao ser humano como mediadora entre o mundo interno e externo.

Podemos, articulando com Saussure, pensar que o bebê se insere numa língua, num código lexical compartilhado por determinada comunidade e cultura e passa a articulá-la individualmente, em seu ato de fala. O sujeito do inconsciente, se pensarmos com Freud, aparece no instante em que, no ato da fala, algo escapa, transfigura, aquilo que era esperado no código linguístico. Ainda na língua, o sujeito articula-a de maneira outra.

[...] no decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer, que se manifesta como um acidente, um paradoxo, ou até um escândalo.” (LACAN, 1999 [1957], p. 54).

É como podemos ver nos lapsos, chistes e atos falhos – e também nos sonhos, quando uma palavra está ali por associação com uma de outro contexto. “De fato, o sujeito pode produzir essa transgressão da língua que é o ato falho, o *lapsos linguae* com que altera um termo

¹⁴ Não há um momento cronológico de entrada na linguagem, isto é, de quando o ser humano passar a usar a linguagem para mediar sua relação com o mundo. Falamos em entrada na linguagem *a posteriori*, isto é, só depois reconhecemos que houve um momento em que isso se deu.

da convenção, sem alterar, porém, a estrutura da língua em si mesma.” (GODINO CABAS, 1982, p. 68).

Estamos falando da relação do sujeito com os signos que compõem a língua que ele articula. Mas, em psicanálise, a relação do sujeito se dá na sua relação com o significante, por ser, ao colocá-lo em cadeia, um relacionando-se com o outro, que podemos ter algum efeito de equívoco. É na articulação de suas palavras, de seus significantes, que podemos ter como efeito um sujeito do inconsciente. Para a psicanálise, o significante não está conjunto com o significado – o que não quer dizer que não haja significado para as coisas. O significado está recalcado, isto é, inacessível pela barreira de uma censura. Assim, a escuta de uma associação livre é uma escuta de como aquele falante organiza os significantes, suas palavras, uma em seguida da outra, escolhendo uma em detrimento de outra. Mas como tentar compreender o que a psicanálise chama de significante?

Em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957), Lacan apresenta o algoritmo saussuriano marcado como:

S/s

O que há de inesperado nesta marcação, “que se lê: significante sobre o significado, correspondendo o ‘sobre’ à barra que separa as duas etapas.” (LACAN, 1998, p. 500) é o fato de, no *Curso de Linguística Geral*, posteriormente citado pelo próprio Lacan, o signo é escrito como significado sobre o significante, no qual vemos a relação entre conceito (significado) e imagem acústica (significante). Saussure aponta que:

[...] quer dizer que em português um conceito ‘julgar’ está unido à imagem acústica julgar, em poucas palavras, simboliza a significação; mas, bem entendido, esse conceito nada tem de inicial, não é senão um valor determinado por suas relações com outros valores semelhantes, e sem eles a significação não existiria. (2012, p. 164)

A partir dessa citação podemos deprender que o significado nada tem de inicial com o significante, indicando que a significação é uma possibilidade, dado que a significação se dará por uma relação de valores. Assim podemos compreender a posição de Lacan quando aposta na “posição primordial do significante e do significado, como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação.” (1998 [1957], p. 500). Essa *barreira resistente à significação* que não podemos ver explicitamente apontada, pelo menos nestes termos, no CLG, se refere então a essa característica da linguagem que ambos os auto-

res apontam: a de que o significado, o conceito, e aquilo que pode vir a ser representado através do significante não é dado *a priori*. Daí dizer, com Lacan, da ilusão de que o significante tenha que representar o significado:

O que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar *algo completamente diferente* do que ela diz. (1998 [1957], p. 508)

Esse expressar algo diferente do que se diz se dá por essa cadeia significante, que Lacan propõe como “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis” (idem, p. 505) em que os significantes se articulam uns aos outros por contiguidade ou similaridade. E para tal, é também com Saussure e nos seus estudos sobre anagramas que podemos entender a polifonia do discurso, essa se dando no próprio significante e não no significado. O que Lacan aponta, então, em *A instância da letra no inconsciente* é justamente sua leitura subversiva ao signo postulado por Saussure, que é não apenas o significante não possuir uma relação prévia com o significado, mas que há uma barra que os separa, dando ao significante uma primazia sobre o significado. Aqui, fundando sua teoria do significante com o algoritmo S/s, a barra indica que a não relação entre significante e significado faz do significante a pura diferença (entre ele e os demais significantes) e o significado aquilo que pode emergir com o sentido:

Pois o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. É o que se vê, no nível da frase, quando ela é interrompida antes do termo significativo: Eu nunca..., A verdade é que,... Talvez, também...[...]. (LACAN, 1998 [1957], p. 505)

Essa barra entre significante e significado podemos ver com mais propriedade quando o psicanalista francês propõe que o processo metafórico, constituinte da linguagem, não se dá pela conjunção de duas imagens, mas da substituição de um significante por outro. Assim, “ela é uma flor” não aponta para a similaridade que *flor* tem com o adjetivo que poderia estar ali (delicada, cheirosa, bonita), mas sim para o fato de que o significante *flor* assumiu o lugar de outro significante na cadeia (e ao invés de *flor*, poderia ser *for*, o que causaria um espanto). O que interessa é a troca de significante, a despeito do seu significado. A produção de sentido se dá aí: “não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido da substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica.” (LACAN, 1999 [1957], p. 16). Lá onde haveria de surgir um significante, outro aparece em seu lugar. No seu quinto ano de en-

sino¹⁵, concomitante com a escrita do texto *A instância da letra*, o psicanalista insiste que é com o significante que temos de jogar.

Quando falamos, articulando as palavras, há um deslizamento de significantes e significados um após o outro. Não interessa para a psicanálise, “[...] de sentidos que estejam presentes ali, mas dos sentidos que a verdade faz surgir neles, que ela literalmente introduz.” (LACAN, 1998 [1957], p. 21), ou seja, não há para a psicanálise uma preocupação com o significado que veio entrar no lugar do outro num processo metafórico. O que o novo significante representa não é apenas o significado que traz consigo, mas representa o equívoco. Representa que aquilo que estava sendo dito não diz toda a verdade. O dito falhou, deixou outra coisa escapar: eis o inconsciente. A aposta de Lacan é de que é na estrutura do significante e seu encadeamento que isso pode acontecer, nos tirando da ideia do inconsciente como as profundezas dos sujeitos e levando-nos para um lugar da superfície, da fala:

[...] o significante opera nos atos fonéticos ao produzir um significado, pois, ainda que seja a imagem acústica que apareça no ato de fala e permita o conceito deslizar, é desde o próprio intuito em transmitir um conceito que o significante se serve. (BONI JÚNIOR, 2018, p. 89).

A operação de metáfora operada pelo significante não é sem a operação de metonímia – aqui podemos nos lembrar das operações de condensação e deslocamento que Freud apontava ao descrever o funcionamento do inconsciente. A operação de metonímia é aquela que nos coloca a falar, a dar continuidade de um significante após o outro por deslocamento. Lacan aponta que o desejo reside aí, no movimento metonímico de tentar resgatar algo que se perdeu no início da experiência humana. Essas duas operações nos levam a entender a leitura que Lacan faz dos eixos sincrônicos e diacrônicos que Saussure percebe na estrutura da língua.

Entendemos que no ato de fala o sujeito irá colocar os significantes um após o outro de maneira linear. A escolha de qual significante colocar, bem como a posição de cada um deles, é uma operação do inconsciente: “[...] o significante instaura uma estrutura posicional e toda posição é sempre relativa a outras.” (GODINO CABAS, 1982, p. 81). O significante – em sua concepção psicanalítica – é a diferença com os demais significantes e não apenas uma

¹⁵ No Brasil recebeu o nome de O Seminário, Livro 5 : *As formações do Inconsciente*.

referência ao significado¹⁶. Na construção de uma fala, operamos com dois tempos: a sincronia e a diacronia da língua, isto é, a história e o desenvolvimento da língua (diacronia) e a operação dessa língua no momento presente (sincronia).

Em outras palavras, em todo ato de linguagem, embora a dimensão diacrônica seja essencial, há também uma sincronia implicada, evocada, pela possibilidade permanente de substituição que é inerente a cada um dos termos do significante. (LACAN, 1999 [1957], p. 34)

Lacan nos diz que os atos falhos e lapsos de linguagem contribuem para o desenvolvimento da língua no decorrer da história – seu movimento diacrônico. Atualizamos a língua em cada ato de fala. Isso ocorre pois há nessas duas perspectivas temporais – sincrônica e diacrônica – dois eixos que sustentam essa articulação no ato de fala: eixo sintagmático e eixo paradigmático ou, em outras palavras, um eixo de combinação (sintagma) e um eixo de seleção (paradigma). Quando estamos imersos em uma comunidade linguística cujo código compartilhamos, temos algumas variações de como combinar as palavras para formar uma frase e também temos certas possibilidades de escolha de palavras similares para melhor expressar o que queremos dizer. O exemplo trazido por Godino Cabas (1982, p. 82) é “Eu conheço Silvina”, no qual o eixo sintagmático (de combinação) é o que permite colocar as três palavras nessa sequência. Outra combinação possível seria “Silvina eu conheço”. Já o eixo paradigmático o autor aponta para três paradigmas possíveis, todos no eixo da seleção no lugar de *conheço*: i) *cópula*; ii) *busco, toco*; iii) *aprender*. Depreendemos que no eixo paradigmático, os significantes que poderiam entrar no lugar de *conheço* a partir do deslocamento da sílaba *co*, ou, no caso de *aprender*, por uma associação entre sinônimos.

No exemplo de Freud que já trabalhamos aqui, o *familionário*, vemos como o ato falho lá explicitado ajuda-nos a entender que no eixo paradigmático, ao selecionar o significante que entraria na cadeia, o sujeito entrelaça-o com outro possível significante desse mesmo eixo.

A estrutura do inconsciente começa então a ser delineada a partir dessa articulação do significante em cadeia. Entendemos também que o significante passa a ter um valor de diferença com os demais significantes e é na relação entre significantes que podemos apreender algo do sujeito: “[...] na plenitude de que dá mostras no manejo da linguagem, o sujeito reve-

¹⁶ Para Saussure, como já explicamos anteriormente, a noção de valor se dá na diferença entre os signos, portanto, significado e significante.

la-se aqui como tendo uma espécie de familiaridade com o que, da linguagem, está velado.” (LACAN, 2016 [1958], p. 32). No célebre exemplo lacaniano¹⁷, no qual duas crianças estão em um trem e ambos observam duas portas dentro do vagão com os dizeres HOMENS acima de uma delas e MULHERES acima de outra e, enquanto um diz “estamos indo para HOMENS” e o outro responde “estamos indo para MULHERES”, vemos como se sustenta a tese de que o significante não remete a coisa em si, tampouco a um significado pré concebido. HOMENS/MULHERES não está se remetendo nem aos banheiros, apesar de sinalizarem, tampouco se remetem aos corpos de um homem e uma mulher, apesar do significante também trazer isso. Para essas duas crianças, os significantes se referem a lugares, ao possível destino do trem. O significante se estrutura na sua articulação com outro significante e não com o significado:

Ou seja, há entre o significante e o significado uma coexistência, uma simultaneidade que é, ao mesmo tempo, marcada por certa impenetrabilidade. Quero dizer que a diferença, a distância entre o significante e o significado se mantém. (LACAN, 2016 [1958], p. 25)

Assim, o significado não deixa de existir, tampouco o significante se vê separado do significado. Mas, na articulação entre os dois, há sempre um impossível de fazer os dois se unirem por completo, sempre aparecendo entre eles uma diferença. A diferença é que o significante poderá se rearranjar de outra maneira e apresentar outro significado, numa escala infinita desse processo.

Resta-nos compreender como isso se articula num campo da comunicação, isto é, quando articulamos nossa fala direcionando ao Outro:

Dessa maneira, definir o *inconsciente* como campo do significante e desprovido de qualquer sentido a priori, é afirmar sua *estrutura* como análoga à da linguagem. A produção de sentido e o impossível de um sentido final, tanto na linguagem quanto no inconsciente como estrutura, são duas fundamentações, ou condição *sine qua non*, para a teoria da constituição do sujeito, em relação ao campo do Outro. (BONI JÚNIOR, 2018, p. 100-1)

Boni Júnior nos ajuda a estabelecer, então, que não apenas a definição de inconsciente passa pela linguagem, como apontamos desde a explicação da descoberta de Freud, mas que também a noção de sujeito, em psicanálise, passa pelo campo da linguagem, um lugar simbó-

¹⁷ LACAN, 1998 [1957], p. 502.

lico, o chamado campo do Outro¹⁸. Sabemos também que, conforme os tropeços da linguagem que o significante pode causar, o sentido pode continuar deslizando infinitamente nos atos de fala. Mas ao falarmos, direcionamos a fala a alguém e por isso é importante entendermos a noção de grande Outro e sua diferença com o pequeno outro. Em seu seminário *A Identificação* (1961-2), Lacan ajuda a elucidar esse ponto ao falar sobre sua cachorra que tem uma relação com a palavra, mas essa não é a mesma relação que nós, humanos, temos:

O que distingue esse uso da palavra, em suma, muito suficientemente conseguido pelos resultados que tratou de obter minha cadela, de uma palavra humana? [...] O que distingue este animal falante do que se passa pelo fato de que o homem fala é que é inteiramente notável, no que concerne à minha cadela, uma cadela que poderia ser a sua, uma cadela que não tem nada de extraordinário, e que, contrariamente ao que acontece com o homem enquanto falante, ela não me toma jamais por um outro. Isto é muito claro! Esta cadela boxer de belo porte e que, faz crer aos que a observam, que tem por mim sentimentos de amor, deixa-se levar a excessos de paixão por mim, nos quais ela toma um aspecto completamente temível para as almas mais tímidas, tais como as que existem, por exemplo, no nível de minha descendência; parece que se teme que, nos momentos em que ela começa a saltar sobre mim, baixando as orelhas, e latindo de uma certa forma, o fato de ela tomar meus punhos entre seus dentes, pode passar por uma ameaça. Mas não é nada. Rapidamente, e é por isso que dizem que ela me ama, algumas palavras minhas fazem tudo reencontrar ordem, constatada no final de algumas reiteraões, pela parada da brincadeira. E porque ela sabe muito bem que sou eu que estou ali, que ela não me toma jamais por um outro, contrariamente ao que toda a experiência de vocês pode testemunhar do que acontece na medida em que, na experiência analítica, vocês se colocam em condições de ter um sujeito puro falante, se posso dizer assim, como se diz [...] Se há algum elemento de progresso nas vias pelas quais tento levá-los, é fazê-los perceber que ao tomá-los por um outro, o sujeito nos coloca ao nível do Outro, com A maiúsculo. É justamente o que falta na minha cadela, só há para ela o pequeno outro. Não parece que sua relação com a linguagem lhe dê acesso ao grande Outro. (LACAN, 2003 [1961], p. 40-1)

O que Lacan nos aponta aqui é a diferença entre um humano e um animal quando se relacionam com a palavra. O animal é afetado pelo uso da palavra mas não a articula de maneira simbólica, isto é, não consegue torná-la outra coisa. Por isso Lacan afirma que sua cachorra estabelece com ele uma relação da ordem do pequeno outro, uma ordem imaginária e especular na qual o outro é semelhante ou rival. Sua boxer, ao estar de frente com ele, o reconhece como unicamente Lacan e é capaz de reagir com medo a um gesto agressivo, e logo em

¹⁸ Escrevemos Outro com maiúscula, ou falamos em grande Outro, quando nos referimos a este lugar simbólico. Quando a escrita é com minúscula - outro - estamos nos referindo aos outros da ordem do imaginário, isto é, dos nossos semelhantes e rivais. Nos grafos e matemas lacanianos, o grande Outro aparece como A, em referência ao francês Autre.

seguida responder com amor à uma voz doce e suave dizendo seu nome. O que acontece quando se trata de um humano é que ele pode tomá-lo por outro que não o Lacan. Se por ventura o psicanalista francês falar num tom de voz mais grave com um humano, esse pode responder com medo, ou de forma mais agressiva, ou gargalhando, pois, nesse momento, esse ser humano tomará Lacan não apenas como um outro homem, mas também como Outro – e pode ser o pai, o namorado, o irmão, o chefe. Isso acontece frequentemente em uma análise, quando o paciente coloca seu analista em outros “lugares”, confundiu-o inconscientemente com outras figuras. Daí apaixonam-se pelos seus analistas, ou acham que eles estão bravos e várias outras reações que se referem a um terceiro que não o analista. O campo do grande Outro é o que inclui um terceiro na relação dual. É o mesmo efeito no campo da linguagem onde uma palavra pode significar várias outras coisas.

Uma vez que está inserido num código linguístico e o articula individualmente, o sujeito do inconsciente é também social. Sua constituição depende dos outros e Outros que circulam em sua comunidade. Mas o grande Outro não é uma pessoa, tampouco as instituições de abrigo, ou a cultura ou até mesmo uma ideologia:

Cabe aqui uma diferenciação entre a categoria de Outro e a ordem social e cultural. Essa ordem é eivada de valores, ideologias, princípios, significações, enfim, elementos que a constituem como tal, no plano antropológico. O Outro é o esqueleto material e simbólico dessa ordem, sua estrutura significante, como já caracterizamos anteriormente, o que nos permite, portanto, dizer que a ordem do Outro, que a mãe encarna para o bebê, é uma ordem significante e não significativa. (ELIA, 2010, p. 35)

Luciano Elia nos elucida que o Outro não é a cultura e tampouco é uma pessoa. O outro é uma estrutura – a estrutura de significantes que formam o inconsciente, tal qual já exploramos – fundamental para a constituição do sujeito em suas relações. O Outro, enquanto estrutura simbólica, pode ser encarnado pela mãe, pelo adulto responsável pelo bebê, ou mesmo por algumas instituições, mas ele não é fixo em um outro. Assim, o bebê nos seus primeiros meses de vida tem diversas necessidades fisiológicas e precisa que alguém cuide dele. A mãe – ou o Outro materno – irá satisfazer as necessidades desse bebê, até que ele sinta sua falta e demande por ela. Neste momento, a mãe (o Outro materno) irá trazer significantes para dizer o que é da ordem dessa demanda: “isto é fome”, “isto é sono”, “isto é dor”. Esse apelo que o bebê faz, é um apelo pela presença de um outro ausente, no qual este Outro vem das respostas a esse apelo. Dessa maneira, a mãe irá transmitir ao bebê a estrutura significante (de determi-

nada cultura), estrutura essa que é própria do inconsciente. Daí podemos compreender o famoso aforismo lacaniano de que *o discurso do inconsciente é o discurso do Outro*. Dito isso, o sujeito é uma resposta ao Outro e não uma consequência do desenvolvimento biológico do corpo humano. O sujeito depende desse encontro com a linguagem:

O que chega a ele é um conjunto de marcas materiais e simbólicas — significantes — introduzidas pelo Outro materno, que suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama de sujeito. O sujeito é, portanto, um ato de resposta, uma resposta dada em ato. (ELIA, 2010, p. 36).

Portanto, quando falamos de sujeito e de inconsciente, não estamos falando da relação com o outro, tampouco do Eu, ou da consciência. O sujeito não é o sujeito gramatical, tampouco ator de uma narrativa. É um lugar simbólico, um lugar do Outro, um lugar que o sujeito constrói com os significantes que lhe são possíveis e que não consegue mapeá-los, embora busque, incessantemente, esse saber sobre si. Segundo Quinet:

O sujeito não tem uma identidade própria, ele é tão somente representado por significantes que se encontram nesse lugar psíquico que é o Outro, o qual pode ser chamado de “o Outro do significante”, “o Outro da linguagem” ou “o Outro do simbólico”, ou, ainda, o tesouro ou conjunto de significantes. (2012, p. 12)

Sendo assim, o sujeito não é definido com um significante, como por exemplo, “ele é aluno”. O sujeito nunca é definido, desliza entre os diversos significantes componentes do campo do grande Outro que tenta defini-lo. O inconsciente estruturado como linguagem é esse discurso do Outro, sobre o sujeito, no entrelaçamento dos significantes que dizem da sua história, do seu sexo, do seu eu. Daí a importância e aposta da psicanálise em escutar a estrutura significante para daí emergir algo do inconsciente que o sujeito escute: “O Outro como lugar dos significantes do sujeito é inacessível, a não ser pelas formações do inconsciente – sonhos, lapsos, chistes e sintomas –, como descreveu Freud [...]” (QUINET, 2012, p. 12).

Para esquematizar essa articulação significante do inconsciente com o outro e o grande Outro, Lacan irá produzir o chamado grafo do desejo. Partindo da teoria da comunicação de Roman Jakobson, ele irá estabelecer como, nas relações do sujeito com o significante e o Outro, se irá estabelecer uma relação inconsciente. O grafo será ferramental a ser descrito e exemplificado no próximo capítulo, quando analisaremos uma vinheta clínica, na tentativa de apreender e exemplificar o funcionamento do inconsciente em sua estrutura de linguagem.

3. AMAR COM O SIGNIFICANTE

No exercício de dialogar a semiótica com a psicanálise, buscando no texto aquilo que foi em algum momento de fala uma manifestação do inconsciente, trazemos a análise laciana de uma vinheta clínica. O texto foi escrito pelo próprio paciente, que relata uma única sessão que aconteceu em seus anos análise. Essa prática do estudo de trechos ou mesmo de sessões inteiras é um tanto recorrente dentro da psicanálise. Freud fez isso inúmeras vezes, com extensos trabalhos analisando seus casos. Ele analisou inclusive seu próprio inconsciente, como bem observamos em vários exemplos em *A Interpretação dos Sonhos*. Já no prefácio, o psicanalista nos explica o caminho tomado por ele:

Tornar-se-á claro, no decorrer da própria obra, o motivo por que nenhum dos sonhos já relatados na literatura do assunto ou coligidos de fontes desconhecidas poderia ter qualquer serventia para meus propósitos. Os únicos sonhos dentre os quais pude escolher foram os meus e os de meus pacientes em tratamento psicanalítico. Mas fui impedido de utilizar o segundo material pelo fato de que, nesse caso, os processos oníricos estavam sujeitos a uma compilação indesejável, em vista da presença adicional de características neuróticas. Mas, se quisesse relatar meus próprios sonhos, a consequência inevitável é que eu teria de revelar ao público maior número de aspectos íntimos de minha vida mental do que gostaria, ou do que é normalmente necessário para qualquer escritor que seja um homem de ciência e não um poeta. Tal foi a penosa mas inevitável exigência, e me submeti a ela para não abandonar por completo a possibilidade de fornecer a comprovação de minhas descobertas psicológicas. (FREUD, 1969, p. 4-5)

Também observamos, em obras posteriores, a colaboração de outro psicanalista contemporâneo de Freud, Otto Rank, que apresenta seu próprio sonho e também e sua própria análise dele. Tanto Freud quanto Lacan, e todos os demais psicanalistas, possuem a clínica como fonte para a teoria e, neste trabalho, buscamos avançar com a psicanálise a partir também de algo que surgiu de uma experiência clínica.

A estratégia de Greimas para a análise de um texto diverge um tanto da apresentada pelo coro de psicanalistas. A prerrogativa do semioticista é de que devemos apostar no afastamento objetivo do autor que analisa o objeto. Nas palavras de Beividas:

O discurso científico, tal como propõe desenvolver-se internamente e apresentar-se externamente às comunidades científicas, caracteriza-se por procurar apagar as marcas da enunciação, os traços dos movimentos subjetivos mais fundos do pesquisador. (2000, p. 42)

Em termos semióticos, a estratégia discursiva utilizada em textos científicos é de uma camuflagem objetivante. Ao enunciar uma enunciação estamos no lugar da veridicção, de um fazer-parecer-verdadeiro. Podemos fazer isso de forma objetiva ou subjetiva, utilizando uma camuflagem objetivante ou subjetivante. Para Fiorin (2020, p. 125), "Ao criar a camuflagem objetivante é como se o enunciador deixasse os fatos relatarem-se a si mesmos."

Temos uma tensão de partida entre a psicanálise e a semiótica, na qual uma aposta na subjetividade como forma de ciência, evitando que se exclua o sujeito; e a outra aponta para uma objetividade, para que o objeto analisado possa, em si mesmo, trazer à tona suas questões.

É importante, contudo, pontuar há autores da semiótica que, após Greimas, se enveredam para discursos subjetivos como práticas científicas. Citamos aqui Eric Landowski, antropólogo e semioticista francês, que desenvolveu a teoria de Greimas e aposta em uma Semiótica na qual caiba a subjetividade do semioticista:

[...] recorreremos desta vez a um método menos ortodoxo ainda, talvez, que o precedentemente, pois ele constituirá em explorar um 'corpus' não *ad hoc*, mas que corre grande risco de parecê-lo. Ao lado de um pequeno número de referências literárias convocadas da maneira mais livre, e às vezes, de modo simplesmente implícito, é com efeito nossa própria prática do espaço-tempo, reconstituída sob a forma de uma espécie de narrativa em episódios, que vai nos servir como fio condutor, ao mesmo tempo como meio de acesso a um certo 'vivido' e como estoque de configurações estruturalmente distintas, a se organizarem entre elas. (LANDOWSKI, 2012, p. 69)

Aqui ele aponta não apenas a liberdade de utilizar um método menos ortodoxo, como propõe que a narrativa do vivido daquele que escreve seja condutora daquilo que será analisado. Ele continua:

A semiótica, dizem, não se preocupa com o real: ao contrário, utilizando-a para uma apreensão direta do sensível e do cotidiano – quer o consideramos trivial ou romanesco –, gostaríamos que ela nos ajudasse, reflexivamente, a nos compreendermos melhor. (idem, 2012, p. 69).

O intuito deste capítulo, por fim, é de que, após já termos, nos capítulos anteriores, discutido a construção de cada uma das teorias, possamos colocá-las em prática e então estabelecer diálogos sustentando suas tensões. Sabemos que a praxe da semiótica é utilizar seu ferramental para a análise de um texto, enquanto a psicanálise é um dispositivo clínico que visa, em ato, promover associações livres em prol do surgimento do inconsciente. Tentaremos

então, utilizar esses ferramentais e ver quais caminhos são percorridos e aonde eles nos levam.

3.1 Vinheta Clínica

O analisante, já em análise há algum tempo, chega na sessão com a pressa de contar o seguinte sonho:

Sonhei que meu pai estava saindo da casa do meu avô, estava deixando a família para se casar com uma atriz muito famosa. Ela chegava de taxi e o ajudava a colocar as malas no carro dele. Eu queria falar com ela, pelo fato dela ser famosa, mas ela estava impaciente e ficava colocando as malas no carro. Meu pai também não falava comigo, mas me recordo que eram tantas malas que não cabiam no porta mala.

Depois de contar o sonho ao analista, ele repetiu a palavra mala e me dei conta que havia falado essa mesma palavra repetidas vezes enquanto contava o sonho. Não sei porquê ele fez isso, mas me causou incômodo. No sonho, havia me chamado atenção a mulher famosa e a cena da saída do meu pai de casa, mas depois que meu analista disse mala fiquei me perguntando o que ela poderia estar significando.

Depois disso falei de coisas triviais, do meu dia-a-dia, coisas do trabalho, de casa, dos estudos. Não tinha mais nada para explorar do sonho, fiquei um tanto sem saber o que ele significava. Depois de falar das minhas questões e de um silêncio que parecia não ter mais assunto, voltei a pensar na mala.

Me lembrei de uma cena da minha infância. Meu pai morava em São Paulo e nós em Santos. Aos domingos era comum visitarmos meus avós e depois deixar meu pai na rodoviária. Mas nesse dia foi diferente. Lembro que meus pais haviam brigado e estávamos indo para a casa dos meus avós, só que meu pai estava fora do carro, andando com a sua mala, ignorando minha mãe que o chamava para dentro do carro. Eu e meu irmão estávamos aflitos no banco de trás, e minha mãe pedia para que meu pai entrasse no carro: 'Amor, entra no carro, os meninos es-

tão aqui, não faz isso'. Lembro do meu pai carregando uma mala marrom sem olhar para nós. Aquilo me doía. Lembro que eu e meu irmão também estávamos meio brigados até esse momento. A gente era muito competitivo, vivíamos competindo. Acho que a gente queria atenção da minha mãe. No fim, eu não lembro se meu pai entrou no carro, mas a cena dele andando com aquela mala me corta o coração.

Aí o analista perguntou como era essa mala, e eu não entendia porquê ele insistia nessa palavra. Disse que a mala era marrom. Ficamos em silêncio e eu fiquei pensando na mala tanto no sonho quanto na mala da lembrança. Então meu analista me pergunta:

— E você disse que você e seu irmão estavam competindo. E vocês competiam pelo que?

Depois de tanto ouvir o analista repetir a palavra mala, a única coisa que me veio na cabeça, antes de realmente responder à pergunta, era fazer uma piada:

— A mala.

— Ah, amá-la — diz o analista usando sua voz para dividir bem a palavra de forma que eu ouça. Em seguida se levantou e pediu que eu fosse embora.

3.2 Leitura Semiótica

Precisamos levar em consideração, para a análise semiótica do sentido dessa vinheta clínica, todo o relato como mais de um texto: o texto do analisante em si, isto é, o sonho e a lembrança; e um segundo texto que é o diálogo paciente-analista, como uma prática da psicanálise. Como se trata tudo de um mesmo relato e há relações entre os textos, trazendo mais complexidade para a análise, separaremos os dois textos a fim de levantar discussões diferentes, porém não desconectadas.

Vamos começar pelo texto que relata o que é uma sessão de análise, desde a pressa de contar algo ao analista até seu pedido de que o paciente se retire. Em todo percurso, o enunciador é o próprio paciente que relata com suas palavras o que ocorreu naquela sessão, sendo assim um enunciador-narrador. Temos primordialmente uma debreagem enunciativa que colo-

ca o leitor próximo da subjetividade do paciente, acompanhando suas histórias de perto. Em alguns momentos do texto, o enunciador faz uma debreagem enunciativa: "Ela chegava de taxi e o ajudava a colocar as malas no carro dele.", trazendo esse distanciamento de pessoa – ela, dele – o que afasta a cena do enunciador. Essa sensação de distanciamento é marcada por esse recurso. Há ainda o recurso da debreagem interna, no qual ele dá a voz a uma terceira pessoa, causando um efeito de realidade naquilo que está sendo discursivizado: *'Amor, entra no carro, os meninos estão aqui, não faz isso'*.

Esse posicionamento discursivo do enunciador é talvez o mais recorrente em sessões psicanalíticas, pois o paciente está sempre fazendo movimentos de se aproximar da história, de dizer ela pelo outro e de colocar falas diretas em terceiros, criando o sentido de que dentro de sua história é seu ponto de vista que interessa. Mas tanto os sonhos, quanto as lembranças, quanto qualquer história contada em sessão tem por um fundo saber alguma verdade sobre o que está sendo dito. Os pacientes vão às análises para saber sobre seus enigmas, suas questões, algo sobre eles mesmos e colocam na figura do analista alguém que saberá sobre eles, que poderá interpretá-los. Portanto, antes de adentrar nas histórias do paciente em si, vamos depreender o que há em seu texto que corrobora com o sentido que toma na relação com o analista, ou seja, o que há em seu discurso e sua narrativa que diz do processo psicanalítico e da relação analista-analisante.

De partida, tomaremos por princípio que há no nível fundamental uma oposição de base entre /ignorância/ e /sabedoria/. Com o auxílio do quadrado semiótico, podemos ver um percurso de /ignorância/ na pressa de contar o sonho ao analista e ao não entender porquê ele repetiu a palavra mala. Em seguida, caminha-se para uma /não-ignorância/ que se dá no momento quando o paciente volta a pensar na mala e conta uma memória a partir disso, ainda em busca de saber o que o sonho e a mala significam. Podemos então chamar esse momento de /não-ignorância/ de curiosidade, que é o que encaminha o sujeito para enfim uma /sabedoria/, onde o sujeito irá enfim, tentar entrar com conjunção com uma resposta, um objeto-valor que lhe dê sabedoria sobre suas questões e enigmas.

No nível narrativo teremos então o analista como Destinador-manipulador que age sobre o paciente, sujeito da narrativa. Há um enunciado de estado em que o sujeito se encontra em ignorância com o significado do seu sonho e então o Destinador-manipulador analista o manipula com a apresentação da palavra mala, que se repete em seu relato. Aqui há uma

tentação com a apresentação de um objeto que é positivo ao sujeito – "talvez na palavra mala haja algo a saber sobre mim" – e que o faz *querer-fazer*, querer seguir investigando, querer seguir falando. Isso fica claro quando o sujeito narra seu incômodo em relação à repetição da palavra mala. Incômodo este que o fará, após falar de vários assuntos que ele julga sem qualquer relação, voltar a falar na palavra mala ao relatar o sonho. "*Voltei a pensar na mala*" nos indica que a manipulação do analista surtiu efeito e que o destinatário-manipulador aceitou o contrato fiduciário no qual explorar a palavra ali proposta talvez o leve a saber algum significado sobre o sonho e sobre si. O paciente aceita o contrato com o analista, pois ele o submete a um processo veredictório: o paciente, em seu fazer interpretativo, entende que o acordo proposto na manipulação é da ordem da *verdade*, isto é, *parecer-ser*, pois o analista parece reconhecer que a /sabedoria/ está no significante *mala* e de fato está ali.

Após o relato da lembrança do paciente, o analista insiste na palavra mala e o paciente responde sobre sua cor. É aí que mais uma vez o analista indaga sobre o que o paciente e seu irmão competiam – a partir da lembrança que ele traz. A relação de conjunção do sujeito-paciente com a palavra mala, na qual ele crê que há um saber sobre ele, o faz responder à pergunta com a mesma palavra: a mala.

O analista, agora como um Destinador-julgador, entende que o contrato estabelecido foi cumprido e o sujeito paciente passou de um estado de disjunção com o objeto-valor mala, para um estado de conjunção, afinal, passou da /ignorância/ para a /sabedoria/ em seu percurso. Nesse momento final da narrativa, o analista o sanciona positivamente, apresentando o mesmo significante utilizado pelo paciente como resposta final à sua questão, ao seu saber e, sem seguida, abre a porta para que ele possa continuar pensando nisso. O que ocorre é que há uma modificação no plano de conteúdo realizada pelo analista, sem que se altere o plano de expressão. Há uma mudança morfológica que gera uma diferença em seu significado: /a mala/ se torna /amá-la/. O artigo /a/ e o substantivo /mala/ passam a ser o verbo conjugado /amá/ e o pronominal /la/, referindo-se a terceira pessoa do singular de gênero feminino. Apesar de sua semelhança no plano de expressão, há uma diferença no plano do conteúdo. Podemos depreender ainda que o Destinador analista faz outra manipulação ao final da sessão, desta vez uma *provocação*, pois há nele um *saber-fazer* o destinatário-paciente *dever-fazer*, dever continuar questionando seu dizer, agora com a palavra *amá-la*.

Em termos semióticos, ainda pensando no percurso gerativo do sentido, o analista apresentou *amá-la* como um conector de isotopias, abrindo um novo plano de conteúdo possível. Observamos que a figura da mala na primeira narrativa trazida pelo paciente – seu sonho – tematiza a partida (do pai com a atriz famosa). Em sua lembrança, na briga entre o pai e a mãe, a mala também está tematizando uma partida (do pai para outra cidade, do pai separado da mãe). Quando o analista aponta para *amá-la*, ele utiliza o plano de expressão para ampliar para uma nova isotopia, um outro campo semântico, isto é, a figura da mala tematizando o amor.

Continuaremos agora, a partir da figura da mala e os temas que ela carrega, a explorar mais a fundo as duas narrativas separadas: o sonho e a lembrança, destrinchando em cada uma quais actantes estão presentes em cada narrativa. Tomando o sonho como um texto, vamos analisar o nível narrativo tomando primeiro o próprio paciente, enunciador, como sujeito da narrativa. Em seu enunciado de estado, ele se mantém vendo a partida do pai que irá se casar com uma atriz famosa, insatisfeito com o pai que “deixa a família”. Nesse aspecto, o pai se torna seu objeto-valor com o qual se vê em disjunção e quer buscar estar em conjunção: o valor que ele carrega é o que podemos depreender de uma oposição de base entre /união/ e /separação/, que traduz a relação do casamento. Ver seu objeto-valor indo embora com a atriz famosa, /separação/, é disfórico para ele, pois se vê em disjunção com seu objeto. O sujeito, então, busca estar em conjunção com o objeto-valor pai, mas se vê dificultado de realizar sua ação pela presença do antisujeito¹⁹ (atriz famosa), que o inibe de diálogo. O sujeito não realiza sua ação de falar com o pai e fica observando-o colocar as malas, junto com a atriz, no carro.

A figura da mala, nesse sonho, representa a partida do pai, a realização de sua separação com a mãe. Uma mala é um lugar onde colocamos as coisas que nos pertencem e que, quando vamos embora de algum lugar em direção a outro, é o recipiente que carregamos. As muitas malas – tantas que não cabiam no carro – revelam a possibilidade de que há tantos motivos para a separação do pai com a mãe, há tanta bagagem ali dentro, tanta história, que não caberia ali contar. O que vemos, enfim, é um sujeito que não realiza uma ação que possa mudar o destino da saída de seu pai.

¹⁹ Para GREIMAS e COURTÉS (2016, p. 489): “[...] o esquema narrativo se define, em primeiro lugar, como uma estrutura polêmica e/ou contratual, que implica o surgimento, ao lado, ou melhor, em face do sujeito, de um antisujeito a quem ele tem de enfrentar.”

No segundo texto, o que se refere à memória, os actantes desta narrativa são o próprio núcleo familiar do enunciador: *pai, mãe, irmão e ele mesmo*. É nesse momento que a debreaagem interna entra em ação, colocando uma fala da mãe em processo de manipulação com o pai, causando um efeito de realidade: essa memória de fato existiu. A mãe enquanto actante dessa narrativa aparece como objeto dos três outros actantes sujeitos. Em relação à trajetória do pai, ele aparece como sujeito em ação para entrar em disjunção com ela. Em relação aos filhos, que competem pela atenção da mãe, ela aparece como o objeto de conquista dos dois.

Analisando a narrativa do sujeito pai, não fica explícito quem o manipula para sair do carro e estar brigado com o objeto-valor mãe. Mas podemos assumir que esse é um objeto disfórico com o qual ele quer estar em disjunção. A mala, em contrapartida, é um objeto eufórico que o leva à separação da mãe com a ida à outra cidade. O que está no nível básico dessa narrativa é a oposição /liberdade/ e /opressão/ que se atualiza como valor dos objetos na liberdade de se separar da mãe ou na opressão de se manter casado. A figura da mala e a figura do carro trazem isso de forma concreta ao nível discursivo. Não há um desfecho para o programa narrativo do pai, mas há, um processo de manipulação pela mãe enquanto Destinadora. Quando diz '*Amor, entra no carro, os meninos estão aqui, não faz isso*', ela parece *seduzir* o pai, oferecendo objetos que julga ser eufórico a ele, oferecendo como recompensa a ideia do casamento e família unida. A mãe teria um *saber-fazer* ou pai *querer-fazer*, neste caso, fazer as pazes ou ao menos fazer seu retorno ao carro. Não sabemos se, ao final, a manipulação da mãe se atualizou em alguma ação realizada pelo pai.

O que sabemos é que, para um dos outros sujeitos, o *eu* enunciador do relato, a cena da briga entre os dois o faz ficar mal. O sujeito *eu* tem uma relação com o objeto-valor atenção da mãe, na qual a conjunção com este objeto é de ordem eufórica. Ele quer ter a mãe por perto, mas vê seu irmão como antisujeito que o impede disso. Tanto é que, quando é questionado sobre o tema da competição entre ele e o irmão, sua resposta é a figura mala, que representa a partida e separação do pai. Ou seja, quer de alguma maneira que os antisujeitos (irmão e pai) que dificultam de ter toda a atenção da mãe para si, saiam da jogada, ao mesmo tempo em que a saída do pai, a /não-união/ do casal é disfórica, parte seu coração.

Podemos depreender desse texto algumas considerações. No que tange à prática analítica, o texto sugere que é o enunciador que tem que se haver com as consequências de sua enunciação. É no seu fazer discursivo que ele criará os sentidos do seu discurso. A relação

analista-paciente é marcada por um analista manipulador que, em primeira instância, faz o sujeito paciente falar mais e mais, por estar em busca de algum saber sobre si. Não é diferente do que vimos nas explicações sobre Freud e a psicanálise: o analista é destinador que manipula o sujeito paciente a associar livremente.

Durante seu sonho e sua memória, vemos que há elementos que se repetem como o carro, a mala, e há um actante da narrativa se distanciando do paciente enquanto sujeito da narrativa. A solidão do filho diante da possível separação dos pais e sua não ação frente às cenas que se repetem, nos levam a pensar qual o lugar do filho dentro desse processo. Pelo fato de, no nível discursivo, nosso enunciador fazer depreagens enunciativas e internas, nos aproximando dos lugares e pessoas em que as coisas aconteceram, vamos tomando uma empatia pelo sujeito paciente e sendo levados, junto com ele, a entender o significado do sonho e sua conexão com a memória. Como o tema mais presente no texto é o da separação, dessa partida do pai e de uma reconfiguração familiar, a partir do ponto de vista do filho, vemos como a saída de um dos progenitores de casa pode abalar quem fica.

A figura da mala, que em um momento aparece não cabendo no táxi – o veículo que levaria o pai embora – e em outro aparece fora do carro, junto ao pai, nos leva a entender que ali está toda a bagagem que o pai carrega consigo e que tenta levar em sua partida. Como se fosse possível colocar tudo dentro de uma mala e partir. No plano de conteúdo, o marrom da mala nos remete a uma tonalidade escura, revelando sentimentos mais tristes e negativos.

A grande virada de sentido se dá ao final, quando o analista coloca a mala como um conector de isotopia e revela um novo campo semântico capaz de ressignificar a narrativa. Se no plano de conteúdo há a troca de um substantivo (mala) por um verbo (amar), podemos depreender que haja o apontamento de uma nome para uma ação. A passagem de algo estático para um movimento, a troca de uma resposta – a mala – por uma pergunta: amá-la? Essa ampliação do sentido coloca o paciente em mais uma vereda discursiva em busca de uma resposta sobre si.

3.3 Leitura Psicanalítica

Ao retomar o mito do Édipo, Quinet (2015) nos relembra porque o mito tem tanta importância para a psicanálise, a ponto de nomear um dos principais conceitos psicanalíticos que

é matriz das relações humanas. O mito, que depois veio a se desenvolver num complexo (de Édipo), fala de uma narrativa desse sujeito que mata o pai para possuir a mãe. Em seguida, Édipo busca o assassino do seu pai sem saber que fora ele mesmo quem o havia matado. Sem saber? “Esse saber não sabido corresponde ao saber Inconsciente, do qual o sujeito se defende. À defesa do saber inconsciente Freud deu o nome de recalque.” (QUINET, 2015, p. 88). A medida que investiga a (sua) história, Édipo quer e não quer saber. A esse não querer saber, damos o nome de *paixão da ignorância*, a essa defesa – força do recalque – em não entrar em contato com sua verdade inconsciente. A cada vez que temos acesso a algo do inconsciente, a resistência se apronta e impede o acesso. Numa análise, não se trabalha com o inconsciente o tempo todo, tampouco conseguimos ouvi-lo por muito tempo. É uma fração, um lapso, uma brecha. Édipo, com sua *paixão da ignorância*, não quer saber de si, de sua verdade. Ignora o lugar do Outro como lugar do inconsciente.

O que podemos herdar disso para uma leitura de nossa vinheta clínica? Se a paixão da ignorância freia o sujeito nesse caminho de busca de uma verdade recalçada sobre si, o *amor ao saber* o lança sobre os enigmas e desconhecimentos de si. Talvez a psicanálise seja mais uma vereda sobre se desconhecer do que sobre se conhecer, afinal, já chegamos cheio de sentidos e interpretações sobre nossas histórias até que algo deixa de fazer sentido, falha. É nessa falha que podemos nos questionar sobre algo e buscar algum saber a esse respeito. E é desse não saber sobre algo que o sujeito, em nossa vinheta, parte em busca de um saber. Quando o paciente desconhece o significado do seu sonho e pela pista da palavra *mala* é convocado a uma busca por algum sentido, ele sai do registro da ignorância e vislumbra um saber que não se sabe.

Este saber que não sabemos, que está recalçado, é assim articulado por conta da própria estruturação do sujeito. De acordo com Quinet (2009), é a partir da introdução do tempo (da fala) no algoritmo saussuriano²⁰ que podemos conceber o sujeito, uma vez que é retroagindo do final da cadeia significante para o seu início que as significações tomam sentido. É de um segundo significante, que remete a um primeiro, que podemos ter ali implícito o sujeito. Por isso, não há um significante final que diga tudo do sujeito, sempre haverá outro significante que dirá do anterior e assim sucessivamente:

²⁰ Entendemos o algoritmo como o par significante e significado.

O sujeito, que não admite nenhum significante último que diga o que ele é, é produzido pelo desenrolar da cadeia significante. Marca-se, assim, a importância de que é uma pontuação que produzirá o sujeito. O sujeito é um efeito da orientação no tempo da cadeia de significantes, um efeito retroativo. (QUINET, 2009, p. 56)

Essa noção de retroação é fundamental para compreender aquilo que Lacan começou a formular no seu quinto ano de seminário, cujo nome é *As formações do Inconsciente*. Naquele ano, o psicanalista francês começou seu seminário discutindo textos freudianos sobre o inconsciente, em especial sobre o chiste. É ao estudar o famoso caso do *familiário* descrito por Freud em 1905 que Lacan iniciou seus pensamentos para a formação do chamado *grafo do desejo*. Para este estudo, não nos ateremos à construção do grafo na obra lacaniana, mas nos utilizaremos das questões de linguagem que ele aponta na primeira parte de seu seminário para dizer que o discurso sempre diz mais daquilo que se pretende dizer: “(...) uma vez que se entre na roda do moinho de palavras, o discurso sempre diga mais do que aquilo que se diz.” (LACAN, 1998 [1957], p. 21).

O grafo é o esquema que já citamos, em que Lacan constrói a relação inconsciente do sujeito com o Outro a partir da linguagem. Essa dimensão temporal de retroação do grafo é análoga ao próprio movimento da experiência da psicanálise:

Sabemos que a análise, como uma experiência de ressignificação, vai permitir diversas interpretações do mesmo evento, ou seja, diversos outros significantes podem ser associados ao evento, por ele ter uma estrutura significante. (QUINET, 2009, p. 54)

É com Roman Jakobson que ele se apoia para pensar a comunicação e desenvolve a primeira construção do grafo que constitui por duas linhas que se cruzam:

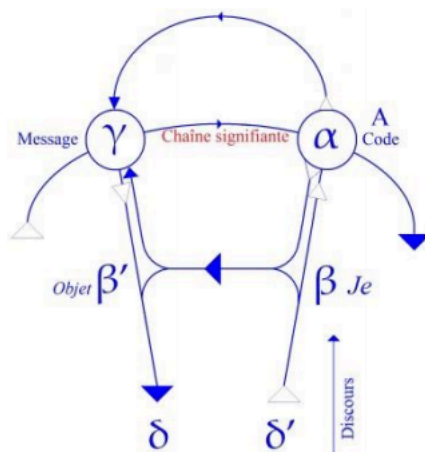


Imagem retirada do seminário Lacan - *Les formations de l'inconscient*, disponível em: <http://staferla.free.fr/S5/S5%20FORMATIONS%20.pdf>

A noção de mensagem e código vem do formalista russo na sua construção de uma teoria da comunicação. Aqui, o emissor emite sua mensagem ao receptor (linha vertical), e quando essa mensagem passa pelo código, ela retroage para a própria mensagem. Em outras palavras: o dizer direcionado ao outro é ressignificado pelo próprio código ao qual está submetido. Esse lugar do código é o lugar do grande Outro, tesouro dos significantes, como já havíamos dito. “Decerto é preciso que o código esteja em algum lugar, para que possa haver audição do discurso. Esse código está, muito evidentemente, no grande Outro (A), isto é, no Outro como companheiro de linguagem.”(LACAN, 1999 [1958], p. 19)

Sem que algo do Outro possa ressoar, o falante ficaria entre a linha β e β' , do Eu para o objeto, numa narrativa sem fim, ou, como diz o próprio Lacan, num ronronar da repetição do curto-circuito β e β' . Ou seja, se o sujeito não escuta algo simbólico em seu dizer, um Outro dizer de seu discurso, ele ficará eternamente repetindo uma fala cheia de sentido que não o leva a enigma algum. É nessa estrutura dos significantes encadeados que pode o dizer ressoar outra coisa; é onde o equívoco pode dar asas a um novo saber.

Mas o grafo do desejo não para aí. Há um “segundo andar” do grafo, um segundo patamar, que é justamente o patamar do inconsciente. Este patamar é acessado quando esse Outro é acionado no discurso e o sujeito segue, a partir da pista dada por ele, atrás da resposta de seu enigma. O final disso é dado: apesar de eu supor que o Outro saiba uma resposta ao meu enigma, o Outro não sabe. É aí que o sujeito topa com sua castração, com a impossibilidade do Outro dizer algo que determine dele, da impossibilidade dele completar(-se).

Colette Soler, em seu livro *Lacan, o inconsciente reinventado* (2012) nos propõe uma leitura interessante a respeito da estrutura dos dois patamares do grafo construído a partir do chiste:

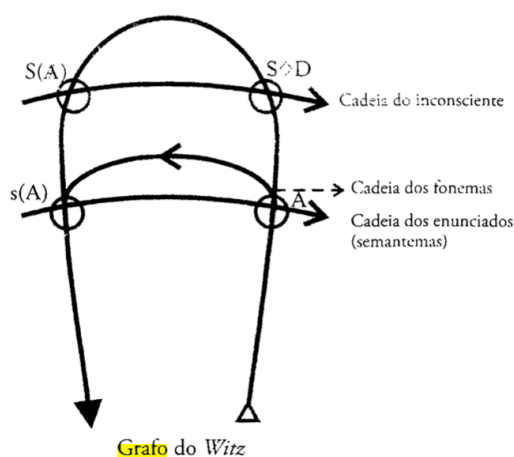


Imagem retirada do livro
inconsciente reinventado

de Colette Soler: *Lacan, o*
(2012, p. 66)

Ela nos diz que dez anos após a construção do grafo do desejo (datado de 1958), Lacan irá repensar o primeiro modelo no qual haveria duas linhas horizontais significantes (na imagem: cadeia dos enunciados e cadeia do inconsciente), cortadas por essa linha vertical retroativa que em 1958 ele dizia que era o significado²¹. Isso implica que não é no encontro do significante com o significado no lugar do código (A) que há uma retroação. É no encontro de dois significantes, nesse “primeiro andar” e um outro estado do significante na cadeia do inconsciente. Vamos tentar explicar melhor com a própria autora:

Sobre a cadeia horizontal inferior, o significante enquanto semantemas, isto é, definido por um emprego regrado, mesmo que nunca unívoco. Logo, as palavras que têm um sentido. Digamos que é a linha do dicionário, da língua tal como a usamos. Sobre a linha curva, o significante, diz ele, está no nível dos fonemas, eles próprios desprovidos de sentido e suscetíveis de se recombinarem sem considerar os empregos regrados do dicionário. Precisei de muito tempo para entender o fundamento dessa afirmação. Na verdade, a tese é chamada, por uma razão precisa que Lacan diz, mas sem mais explicações. Ela é necessária para dar conta da possibilidade dessa mancada específica e como que calculada que é o chiste: graças aos fonemas, uma segunda cadeira pode estar latente na cadeia dos semantemas, isto é, dos enunciados. O que vai abrir à questão de uma avaliação diferencial das mancadas, pois todos os malogros por onde nos vem o inconsciente talvez não se equivalham. (SOLER, 2012, p. 67)

Em síntese, é no dizer corrente da língua em sua norma que os fonemas (plano de expressão) abrem alas para que se escute outras coisas, outras mancadas. Na vinheta clínica, vemos que em resposta ao analista (“*E vocês competiam pelo quê?*”), o sujeito responde com

²¹ “Ela é, portanto, a linha do discurso corrente, comum, tal como este é admitido no código do discurso que chamarei de discurso da realidade que nos é comum. Esse é também o nível em que se produz o mínimo de criações de sentido, uma vez que, nele, o sentido já está como que dado. Na maioria das vezes, esse discurso consiste apenas numa mistura refinada dos ideais comumente aceitos.” (LACAN, 1999 [1958], p. 19)

uma mensagem: *a mala*, que reflete-se em β' , o objeto mala. Ao mesmo tempo, o discurso em β se dirige ao código (A) na qual o analista o retorna de forma invertida – *amá-la* – por ser o código no qual se estabelecem as regras da linguagem, no qual se pode operar fonologicamente. É uma outra cadeia de significantes que se opera aqui, na qual se escutam e se leem os significantes sem seus significados. Leem-se os fonemas organizados de uma maneira, postos a se organizar de várias outras. O sujeito poderia ter escolhido, no corpus lexical de sua língua, várias outras palavras sinônimas de mala que poderiam trazer o mesmo sentido nas narrativas ali expostas. Poderia ter dito que o pai e a atriz famosa colocavam bagagens no carro, e que seu pai estava indo embora e não queria voltar para o carro com a mãe com seus pertences. A escolha da palavra mala, é uma escolha inconsciente para poder dizer outra coisa com isso.

O arbitrário do signo, isto é, o fato de *m-a-l-a* não ter nenhuma conexão prévia com a ideia/conceito de mala (bagagem) nos faz entender que qualquer significante poderia ser colocado naquele lugar – bagagem, inclusive. Mas o sujeito ter utilizado o significante *mala* traz algo a respeito dele. Outras formas de escutar o sujeito – não a que a psicanálise lacaniana propõe – com certeza trabalhariam um significado ali colocado: bagagem, vontade de sair, lembrança, pessoa chata... tantos outros. Porém, o analista pegou o significante *ao pé da letra* e colocou o sujeito na trilha de sua busca pela verdade, causando espanto ao equivocar sonoramente o significante *a mala* com *amá-la*. O espanto do analisante se dá na estranheza de ter dito algo completamente diferente daquilo que disse. Lacan é claro nesse sentido:

[...] a linguagem humana constituiria, então, uma comunicação em que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem sob forma invertida, fórmula esta que nos bastou apenas retomar da boca do opositor para nela reconhecer a marca de nosso próprio pensamento [...]. (LACAN, 1998 [1953], p. 299)

O receptor que reenvia a mensagem sob forma invertida (outro rearranjo significante) é o próprio grande Outro. Na sessão clínica relatada, vemos o paciente ansioso para contar um sonho que ele teve, pois sabe que os sonhos são por si só enigmáticos e cheios de significados ocultos. Ele o conta para a figura do analista, na qual ele supõe residir um saber, ele espera que o analista detenha um conhecimento capaz de revelar o que o sonho quer dizer. É isso que chamamos, em psicanálise, de transferência, quando colocamos no Outro um *sujeito suposto saber* e atualizamos nessa figura do analista o que construímos durante toda a vida como esse lugar o Outro. A pontuação do analista, em marcar a repetição do significante mala, coloca o

sujeito na trilha de uma busca da verdade sobre si. Como o oráculo, na história de Édipo, coloca o enigma em evidência. Observamos também que o analista não apresenta um sentido para o sonho, tampouco se atém ao significado de mala ou de qualquer outro significante que compõe a narrativa do sonho. Estas posições de explicar o sentido ali presente, ou mesmo de dizer o significado da mala dentro do contexto do sonho, colocariam o analista no nível do pequeno outro, do semelhante, daquele que responde em uma relação dual. Mas o analista sabe, por operar com a psicanálise, que na relação entre paciente e analista, há a linguagem como um terceiro. É aí, redirecionando a fala do próprio paciente ao grande Outro, que o analista se faz desse lugar para ressoar outro dizer.

"O elemento fonológico é, com efeito, aquilo que funda o trocadilho, o jogo de palavras, etc. Em suma, está no significante aquilo que nós, analistas, temos que jogar incessantemente." (LACAN, 1999 [1957], p.18-19). Trata-se do inconsciente do paciente, que o analista levará à escuta do sujeito ali deitado no divã. Lacan nos diz para prestarmos atenção puramente no plano de expressão que, mesmo sendo inseparável do plano de conteúdo, pode operar uma transformação. A própria vinheta clínica nos serve de fomento para compreender o que indica o psicanalista francês. *A Mala*, enquanto plano de expressão, está ali no texto em composição com o plano de conteúdo de mala e também do sentido de partida, separação. Isso não é deixado de lado, porém a noção de uma segunda cadeia significante seria escutar *a mala* apenas em seu aspecto fonológico: *a-m-a-l-a*. A aposta da psicanálise é que o inconsciente, como já vimos, é formado por traços que se unem de determinadas formas para poder passar pela censura e serem notados pelo inconsciente. Portanto, além de *a mala* podemos ter *amá-la*, *ama lá*, *há má lá*, e até outras escutas dependendo do significante que vem antes ou depois.

O significante é a unidade mínima do simbólico e tem como característica o fato de jamais comparecer isolado, mas sempre articulado com outros significantes. O que produz o processo de significação é a articulação entre os significantes, constituindo, assim, uma cadeia. (JORGE, 2005, p. 45-46)

A mala, enquanto significante, se associa por semelhança fonética com outros significantes, sendo um deles *amá-la*. É importante marcarmos aqui que, embora a vinheta trabalhe com esse equívoco de forma fonética – assim como o *famillionário* no exemplo freudiano – nem sempre a interpretação do analista age nesse sentido. Há interpretações que operam a

partir do campo semântico da palavra. Pode-se usar a mesma palavra, mas colocando outro significado nela, mudando-a de contexto; pode-se apontar que o sujeito está empregando a palavra com uma semântica equivocada; pode-se colocar outra palavra no lugar, ampliando a construção de sentido que o sujeito arquitetou. De todas as maneiras, incluindo a da vinheta, há sempre uma interpretação que não define um sentido, mas que o torce, o inverte, o suspende, o coloca em questão. Isso porque o sujeito já está fixado a um sentido, já traz consigo um significado para as coisas. É isso que o adoce, colar-se a um único significado, à construção de um sentido que não caduca. Não se pode deixar de ter em mente que, embora também trabalhe com o sentido e a linguagem, a psicanálise é, fundamentalmente, um método de tratamento.

Quando o analista, então, aponta para outra coisa, amplia o campo semântico e também opera com as cadeias significantes (*a mala/amá-la*). O primeiro movimento do paciente ao escutar outra coisa no seu dizer, é preenchê-la de sentido. "*Busco o amor da minha mãe? Estou competindo pelo amor dela? O que a partida do meu pai tem a ver com isso?*". Mas, ao interromper a sessão, o analista impede o fluxo natural da colocação de um novo sentido. Sua aposta não é no novo campo semântico que se abriu com *amá-la*, mas é no campo do equívoco, da mancada. O inconsciente não é aquele que amplia os sentidos ou navega em outras isotopias. Isso é o Eu e sua Consciência. O sujeito do inconsciente aparece quando esse último caduca, falha, falta, desconcerta, se atrapalha nos significantes que o estruturam. *O inconsciente é estruturado como uma linguagem que manca.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que mancada! diriam alguns para criticar o erro de uma pessoa.

Que mancada! diria um psicanalista elogiando o erro na fala e o vislumbre de uma fresta do inconsciente de alguém.

As mancadas deste trabalho nasceram, como já dito, da curiosidade em entender como duas teorias que possuem um calcário epistemológico em comum podem ou não dialogar. Por isso, foi preciso percorrer não apenas os caminhos epistemológicos de cada uma delas no que tange à relação que as tenciona, ou seja, à própria noção de linguagem, como também entender como aplicam suas teorias na prática. Mancada supor que uma semelhança tornaria todo o resto algo em comum.

No que diz respeito às tensões epistemológicas entre as duas teorias, partamos de como cada uma concebe como operar com a linguagem ou, ao menos, de uma visão sobre isso. Para Freud, o inconsciente é o lugar dos traços mnemônicos das experiências de alguém. As moções de desejo, como ele denomina no começo de sua elaboração teórica, também compõem o inconsciente. Mas só temos acesso ao que advém dele porque ele se estrutura como uma linguagem, tal qual Freud apostou e Lacan descreveu, em nossos atos de fala. Com Freud, vemos que os signos se organizam no pré-consciente e se manifestam em forma de linguagem. A partir de Lacan, com o uso da linguística à sua maneira, entendemos que o processo da metáfora, por exemplo, é uma maneira de articulação do inconsciente. Essa articulação se dá por ser um processo de substituição, isto é, os traços e moções inconscientes aparecem no discurso com substitutos, representações. A metáfora é a colocação de um significante no lugar do outro e não há, para Lacan, a necessidade de uma relação de significado implicada nisso. Podemos entender que o significante que entra no lugar do outro não necessariamente precisa ter uma relação de significado em comum com o significante que fora substituído. Na troca “a mala” para “amá-la”, vemos que não há no significado de mala algo que remeta diretamente a amor. Para a psicanálise, o processo de metáfora indica que há ou havia outra coisa ali. Daí depreende-se a suspensão do sentido.

Algo da psicanálise causa um ruído quando se tenta pensar o significante dessa forma. Quando entramos no campo da Semiologia e, em especial, da Semiótica, o significante, tal

qual a psicanálise o concebe, se torna ainda mais estranho. Como vimos nesta pesquisa com Hjelmslev, precisamos dos dois planos (de expressão e de conteúdo) para estarmos no campo da Semiótica. Desta maneira, a troca de significantes não implicaria recorrermos às isotopias daquele texto, ou seja, ao plano de conteúdo? Não parece ser esse movimento que ocorre no inconsciente tal qual a psicanálise lacaniana concebe. Embora apostemos que haja o movimento quase imediato do paciente em buscar um novo significado para uma troca ou uma mancada no dizer, é nessa fresta de tempo em que há a troca, em que há o equívoco de sentido, que está o inconsciente. Sendo assim, será que podemos pensar no inconsciente de maneira semiótica?

Como podemos extrair das páginas deste trabalho, principalmente nos primeiros capítulos em que os alicerces que sustentam as duas teorias foram expostos e trabalhados, há uma série de questões que podemos levar em consideração para um possível diálogo entre elas. Sabemos, é verdade, que há alguns autores que se dedicam ao exercício de uma conversão entre as duas teorias. Alguns deles: Waldir Bevidas, Tiago Ravello, Maurício D'Escagnolle Cardoso, Bruna Zerbinatti. Há também algumas revistas científicas que possuem artigos nesse cenário, como a *Àgora*, ou mesmo recentemente a revista do departamento em que este mestrado é produzido, a revista ESSE (Estudos Semióticos) que dedicou um dos seus números a um dossiê voltado à psicanálise. O que pensamos é que são trabalhos importantíssimos que tendem a uma aproximação entre a Semiótica e a Psicanálise, no que tange às elaborações teóricas de cada uma e também numa possível intersecção teórica, ou seja, que uma possa se beneficiar de avanços teóricos da outra. Alguns – estes menos frequentes – se dedicam também a um diálogo entre as práticas analíticas (do texto, no caso da Semiótica; da fala, no caso da Psicanálise). O que se percebe é, em geral, uma posição na qual a Semiótica possa oferecer à psicanálise uma metalinguagem que possa ou revelar os sentidos do texto, ou dar um ferramental para que o psicanalista possa compreender mais o sentido do dizer do paciente.

Esta dissertação nasce com a pergunta de como fazer dialogar teorias que estão num mesmo paradigma científico, que trabalham incansavelmente com a linguagem e que operam no sentido. Estamos terminando este trabalho questionando a necessidade desse diálogo.

A Psicanálise e a Semiótica acabam por trabalhar o texto, ainda que em tempos e formas distintas. A primeira enquanto o texto se constrói, no ato de fala, e a segunda com o texto construído. Foi isso que tentamos fazer ao aplicar a análise, tal qual cada teoria construiu, so-

bre um mesmo objeto: uma vinheta clínica. Isso não foi novidade, diversos textos e sonhos de Freud já foram analisados semioticamente. O que propusemos foi um mesmo texto para as duas teorias.

Há algo deste trabalho que se passa no corpo-depoimento de quem o escreve. É escrito por um psicanalista que se dedicou, durante esse tempo, a adentrar as veredas da linguística e, em especial, da Semiótica Francesa. Sabemos que da teoria para a prática há um espaço imensurável, sem dúvida grande. É diferente aprender algo teoricamente e de fato colocá-lo em prática. Ao longo dos anos de estudo, a parte teórica foi mais fácil aprender, até pela forma didática e lógica como a teoria Semiótica é ensinada. Mas a prática, a análise de um texto, é outra coisa. E é ainda mais complicado quando a escuta²² que se faz do texto já é tangenciada por todo o referencial psicanalítico encrostado no corpo-depoimento de quem escreve. Mas a dificuldade em conseguir ter uma leitura Semiótica do texto é uma prova de que o diálogo entre as teorias, em sua prática, não acontece? De forma alguma. Mas é uma pista. Assim como alguém acostumado com uma leitura semiótica teria dificuldades em escutar um sujeito com a escuta psicanalítica²³.

Essa não sintonização entre as duas teorias nos é mais interessante do que o acerto entre elas. Colocar a psicanálise sob a perspectiva semiótica ou a semiótica sob a ótica da psicanálise é um diálogo ou um monólogo-silenciamento? Apostamos aqui que há um ponto de partida para essa não sintonia e talvez seja a partir dele que as duas teorias possam se haver com avanços de um não-diálogo.

Partimos do significante: “A insistência do psicanalista em estipular o significante como radicalmente autônomo perante o significado, separado com uma espessa barra, ao invés da relação de união no signo de Saussure.” (BEIVIDAS, 2009, p. 17) Soa para um linguista/semiotista que a construção da noção de significante (que depois o mesmo autor irá colocar como hipótese de que é uma construção por parte do psicanalista francês) é muito distante daquilo que Saussure outrora formulou. Provável que tenhamos que trabalhar com esse fato: o significante para a linguística não é o significante para a psicanálise. Lembremos da colocação de Arrivé, citada no início desse trabalho: "O inconsciente estruturado como uma

²² Talvez um emprego do termo por demais psicanalítico. Poderíamos trocar a palavra escuta por leitura.

²³ Pelo menos uma escuta de orientação lacanianiana que tem uma postura de suspensão do sentido, diferente de outros autores e escolas de psicanálise.

linguagem'? Sim. Mas o *uma* permite supor – a rigor – *duas* linguagens, e decretá-las incompatíveis." (1994, p. 23, grifos do autor). Com duas concepções do que seria o significante, teríamos que pensar mesmo em duas linguagens, ou ao menos, duas maneiras distintas de entendê-las e trabalhá-las.

Na comparação entre as leituras diante do mesmo texto, vimos como a Semiótica aponta que a substituição de uma palavra por outra no final da vinheta se dá no nível do plano de conteúdo, portanto, de significado. *A mala* passou a ter o significado de *amá-la*. Para a psicanálise, o que se coloca em jogo é que o significante *a mala* saiu de cena e entrou outro em seu lugar, *amá-la*. Mas se são homofônicos e, por isso, não há diferença de sons em seus planos de expressão, como diferenciá-los enquanto significantes? Deve-se considerar então a fala em si e uma extensão da vogal tônica (“amáááá-la”) para considerar que haja diferença sonora? A psicanálise apontará que *a mala* é um significante e *amá-la* é outro significante – o que soa para a linguística como dois signos diferentes. Isso porque qualquer significado pode estar presente em *a-m-a-l-a*, como se a psicanálise apontasse que o som não tem significado fixo, podendo significar várias coisas.

Essa não sintonia no que se entende por significante é que poderá fazer-nos avançar. Waldir Beividas aponta que o exercício de oposições significantes ocorreria, segundo a proposta jakobsoniana que Lacan utiliza, com a oposição /DIA/ vs /PIA/, pois há traços comuns entre as duas, e portanto D e o P estariam se opondo: “[...] isto é, exercícios de comutação entre fonemas, que põem entre parênteses o sentido dos termos usados, para apenas e tão somente provar a pertinência para a língua dos fonemas em foco [sublinhados].” (2009, p. 19) Essa é, sem dúvidas, uma leitura de um linguista que se apoia na teoria de Saussure e também de Hjelmslev. Assim como soa estranho para os linguistas e semioticistas que o psicanalista francês coloque como oposição /HOMENS/ e /MULHERES/ como explicitamos no capítulo anterior. Claramente, para um linguista, trata-se de uma oposição entre signos, pois, por mais que se tente apontar que há diferença entre os fonemas que compõe os significantes, ao dizer que são opostos, já estamos entrando no campo do sentido, isto é, já estamos colocando o significado junto. O significado de /HOMENS/ de fato se opõe ao significado de /MULHERES/, aqui concordam psicanalistas, linguistas e semioticistas. A novidade promovida por Lacan é escutar o significante em sua “pureza”, ou seja, a sequência fonética que compõe o significan-

te. Isso indetermina o que esse significante quer dizer, pois, por mais que haja um significado ali, ele, de partida, não é o único que define.

Na vinheta clínica, vimos que enquanto a semiótica toma *mala* em sua composição de significante e significado, trazendo em sua análise esse signo como figura do tema da partida/separação, a psicanálise – ou aquele psicanalista, no caso – toma como *m-a-l-a* podendo escrever daí outra coisa, com outro significante. Ao final, o deslizamento para *amá-la* nos encaminha para uma outra isotopia. Enquanto *mala* estava no mesmo plano de taxi, viagem, rodoviária, apontando o sentido de um afastamento do pai em relação ao sujeito, *amá-la* entra em outra perspectiva com a isotopia do amor, casamento, filhos, atriz famosa. É verdade que, como Arrivé nos pontuou²⁴, Greimas teria se atentado para a formulação da teoria de isotopias ao se deparar com a estrutura biplana onírica. Isso porque há um conteúdo manifesto e um conteúdo latente – como trabalhamos no capítulo sobre Freud. Ainda que haja um conteúdo da expressão (manifesto) e um conteúdo do conteúdo (latente) – se é que podemos traduzir assim para termos linguísticos – a noção lacaniana se dá por via de expressões, de significantes e não pelo significado. Para a psicanálise, equivocar *mala* com *amá-la* é colocar outro significante no lugar daquele que já estava, ou melhor, apontar para outro dizer naquilo que foi dito. Obviamente que *amá-la* traz consigo todo o campo semântico do amor, mas não é sobre inaugurar um novo sentido no dizer do paciente e sim sobre deixá-lo em suspenso. Quando um semiótico aponta que o “não-sentido” – que supostamente a psicanálise lacaniana se propõe a operar – não existe, ele tem razão. Não há como apontar, como alguns pós-lacanianos apontam, que há significante sem significado, que se poderia, portanto, apontar para um “não-sentido”. Não há significante sem significado, mas há, para a psicanálise, uma escuta e operação pela via do significante.

[...] Lacan será lido euforicamente como espécie de terrorista da linguística. Leiamos rápido o que vem: *subverteu* o signo saussuriano, é expressão corriqueira em textos pós-lacanianos; até mesmo o *destruiu*, não é difícil encontrar dessa maneira; criou uma barra de *separação radical* onde havia marca de união no desenho saussuriano do signo; o significante não significa nada; tem *autonomia radical* frente ao significado; não é o fonema; é a letra; mas não a dos linguistas; não há significado; só há efeitos de sentido fugazes; não há metalinguagem; “como uma linguagem” (da estrutura do inconsciente) significa agora que a linguagem é *outra-coisa: a lalangue*. (BEVIDAS, 2009, p. 117)

²⁴ Citação de Michel Arrivé na página 12 deste trabalho.

Por aí fora vão críticas dos linguistas em relação ao lacanismo, principalmente no que diz respeito àqueles que deram prosseguimento ao pensamento do psicanalista francês após sua morte. Muitas dessas falas apontadas, de fato, são ditas e escritas por aí, como se tivesse Lacan de alguma forma compreendido mais e melhor a respeito do signo do que o próprio Saussure. Outros psicanalistas lacanianos apostam que nos escritos de Saussure haveria enfim a concordância com Lacan. O que entendemos aqui é que – salvo alguns exageros de ambas as partes – Lacan e Saussure tratam o significante de maneiras diferentes. Não há um certo ou um errado. Talvez também não haja como pensar o significante laciano numa análise semiótica, tampouco tomar o significante tal qual Saussure o constrói numa sessão de psicanálise.

Mas a psicanálise que aqui se lê e se articula não ignora a presença do significado, tampouco do sentido e da significação. Não há subversão do signo, tampouco inversão, visto que, para Saussure, tanto faz quem estava em cima ou embaixo. Há um uso particular e próprio da psicanálise em relação ao significante, o que também determina como se entende e trabalha o sentido. Quando dizemos que no lugar de *mala* entrou *amá-la*, não ignoramos o significado de amor. Apenas não paramos por aí, não nos limitamos aí. Se *o significante é o que representa o sujeito para um outro significante*, como diz o famoso aforismo laciano, e buscamos num processo analítico que cada vez mais o sujeito do inconsciente possa aparecer – ainda que em partes e de maneira fugaz – devemos apostar no deslizamento das palavras, incentivar que outras palavras possam vir. Apostar no significado, naquele sentido que se estabelece, é sufocar o sujeito na força do seu recalque.

A aposta da psicanálise quando busca suspender o sentido, isto é, deixar como indeterminado, não passível de ser decidido – "era *mala* ou *amá-la*?" – é justamente fazer com que o sujeito abra espaço entre o significante e o significado, na tal *barra de separação radical* (também chamada de recalque). A Semiótica, desde o projeto hjelmsleviano, se preocupa com os dois planos, expressão e conteúdo, ou seja, significante e significado. Não há separação ou operação com um plano só. Com Greimas, o plano de conteúdo ganhou certo destaque a partir da análise de textos e do percurso gerativo do sentido. Depois de Greimas, outros se dedicaram a trabalhar a Semiótica partindo do plano de expressão, mas não há como fazer análise semiótica sem considerar – o que faz parte da própria concepção de semiótica – a relação entre os dois planos. É nisso que ela opera para compreender a construção de sentido de

algum objeto. Um linguista ou um semioticista se preocupa exatamente com essa estrutura da linguagem, na qual não há espaço para o sujeito tal qual a psicanálise o concebe. Na semiótica, o sujeito não necessariamente é a pessoa. Sujeito é um actante da narrativa que sofrerá (ou não) uma transformação (narrativa) por conta da ação. O sujeito se dá a partir da relação que estabelece com o objeto e com a ação. Na psicanálise o sujeito se dá na sua relação com o significante, entre os significantes, naquilo que um significante representa para o outro.

Não se trata, aqui, da forma correta de se pensar o sujeito e sua relação com a linguagem. Com essa não sintonia entre as duas teorias, como pensar um diálogo possível? Fazer a semiótica operar com o significante tal qual o psicanalista e indeterminar os sentidos do percurso gerativo? Ou mostrar para o psicanalista que o significante sempre estará atrelado ao significado e não se pode operar nele sozinho? Um outro caminho seria se as análises das vinhetas chegassem a um lugar comum, mas também não foi exatamente isso que pudemos extrair das duas leituras. Sabemos que elas têm funções diferentes, afinal a Semiótica não propõe nenhum tipo de tratamento para sujeito algum, como faz a psicanálise.

Para pesquisas futuras talvez a tensão que o significante estabelece entre as teorias possa fazer ressoar mais coisas. Por ora, deixaremos essa não sintonia ressoar e os operadores da linguagem, sejam psicanalistas ou semioticistas, cada qual com sua função, prática, tratamento... e *mancada*.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. **Linguística e Psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os Outros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ARRIVÉ, Michel. **Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan**. Tradução: Lucy Magalhães; revisão técnica Waldir Beividas, Ivã Carlos Lopes - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ARRIVÉ, Michel. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. Tradução: Marcos Marcionilo - São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. - São Paulo: Editora Ética, 1999.

BEIVIDAS, Waldir. **Inconsciente et verbum - Psicanálise, Semiótica, Ciência, Estrutura**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2000.

BEIVIDAS, Waldir. **Inconsciente & Sentido. Ensaio de interface entre Psicanálise, Linguística e Semiótica**. 2ª ed. São Paulo: AnnaBlume, 2014.

BONI JÚNIOR, Jonas de Oliveira. **As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan: enquadramentos do Real, Simbólico e Imaginário?** Tese de doutorado. Jonas de Oliveira Boni Júnior; orientador Leda Verdiani Tfouni. -- São Paulo, 2018.

GODINO CABAS, Antônio. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Moraes, 1982.

CARDOSO, M. J. (2010). **Sobre a teoria do valor em Saussure, Marx e Lacan**. Estudos Semióticos, 6(1), 1-9. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2010.49253>.

CARDOSO, M. J. (2012). **De la Représentation Freudienne au Signifiant Lacanien: Sur la Pertinence de L'Interprétation Structurelle de L'Inconscient**. [on-line] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n2/10.pdf>. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Abr-Jun 2012, Vol. 28 n. 2, pp. 219-226

ELIA, Luciano da Fonseca. **O Conceito de Sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010

FERNANDES, Sergio Augusto Franco. **Freud, Lacan e o Witz: a dimensão do prazer e do significante** / Sergio Augusto Franco Fernandes. - Campinas, SP : [s. n.], 2008.

FIORIN, José Luiz. **O projeto Semiológico**. In: Saussure: a invenção da linguística / José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores, Leci Borges BarbAsian (orgs.). - São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 15. ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. **O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, 0(5). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1314>, 2003.

FIORIN, J. L. Duas concepções de enunciação. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 122-137, 2020. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.172329. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/172329>.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol IV e V - Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente (1915). IN: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 - 1916)**. Tradução e notas Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 99 - 150.

FREUD, Sigmund. A Repressão (1915). IN: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 - 1916)**. Tradução e notas Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 82 - 98.

FREUD, Sigmund. Resistência e Repressão (1917). IN: FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916 - 1918)**. Tradução Sergio Tellarole; revisão da tradução Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.381 - 400.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente (1905)**. Tradução Fernando Costa Matos e Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24. ed - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana, v3: artigos de metapsicologia**. 7. ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008a.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana, v2: a interpretação dos sonhos**. 8. ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008b.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o Sentido II - Ensaios Semióticos**. Tradução Dilson Ferreira Cruz. 1. ed. - São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J. COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. A. J. Greimas e J. Courtés. - 2. ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2016

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. - São Paulo: Perspectiva, 2013.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nágia Paulo. **Lacan, o grande freudiano** / Marco Antonio Coutinho Jorge, Nadiá Paulo Ferreira. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

LACAN, Jacques. Instância de letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496 - 533.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238 - 324.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, Jacques. **A Identificação: seminário 1961 - 1962**. Trad. Ivan Corrêa e Marcos Bagno - Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2003.

LANDOWKI, Eric. **Presença do outro: ensaios de sociosemiótica**. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. - São Paulo: Perspectiva, 2012.

MILNER, Jean-Claude. **O Amor da Língua**. Tradução e Nota: Paulo Sérgio de Souza Junior. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2012.

QUINET, Antônio. **Os Outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 28. ed. - São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Lingüística Geral**. - São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

SCHLACHTER, Lina; BEIVIDAS, Waldir. **Recalque, rejeição, denegação: modulações subjetivas do querer, do crer e do saber**. *Agora - Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/agora/v13n2/v13n2a05.pdf> > DOI: 10.1590/s1516-14982010000200005.

SOLER, Colette. **Lacan, o inconsciente reinventado**. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.